

A TELEVISÃO NAS OLIMPÍADAS
DE ATENAS:

UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA REDE
GLOBO

ISABELLA VALENTE GUBERT
JULHO DE 2005

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
APRESENTADO À PROFESSORA RAQUEL PAIVA
DISCIPLINA PROJETO EXPERIMENTAL II
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

**A televisão nas Olimpíadas de Atenas:
uma análise da cobertura da Rede Globo**

Por: Isabella Valente Gubert
DRE: 101140626
Julho de 2005

SINOPSE

“A televisão nas Olimpíadas de Atenas: uma análise da cobertura da Rede Globo” estuda o trabalho feito pela equipe de jornalismo do principal canal de TV aberta do Brasil durante os Jogos Olímpicos de 2004. Mostra como a emissora mudou a programação e a estrutura da divisão de esportes do Rio de Janeiro e analisa o comportamento profissional do jornalista esportivo. O estudo foi desenvolvido através de observação do trabalho dos funcionários no Brasil, de uma bibliografia específica e de entrevistas com profissionais envolvidos na cobertura olímpica da Rede Globo.

ABSTRACT

“The television at Athens Olympic Games: an analysis of the work done by Rede Globo” studies the work done by the Brazilian main open TV channel during the 2004 Olympic Games. It shows how the TV network changed the regular programs to exhibit the competitions and modified the structure of the sports division in Rio de Janeiro and also analyses the professional behavior of the journalist specialized in sports. This work was developed by watching the employees working in Brazil, by a specific bibliography and by interviews with professionals involved in TV Globo Olympic work.

SUMÁRIO

1. Introdução	3
2. O significado dos Jogos Olímpicos	7
O jornalista na cobertura olímpica	9
Breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil	11
3. A programação da TV Globo	14
O esporte na programação da emissora	16
Os desafios da equipe de programação na cobertura dos Jogos Olímpicos	17
4. A divisão de esportes e o jornalista esportivo	20
A imparcialidade no jornalismo esportivo	22
A divisão de esportes se prepara para os Jogos Olímpicos de Atenas	25
A madrugada olímpica	27
5. A equipe de Atenas é definida	30
O trabalho na redação de Atenas	33
O significado de uma cobertura olímpica	35
6. O Núcleo Olímpico	37
7. O esporte na programação olímpica da emissora	42
O principal telejornal da TV Globo se adapta aos Jogos Olímpicos	43
8. Conclusão	47
9. Bibliografia	50

INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, os Jogos Olímpicos representam investimento financeiro muito rentável. Empresas milionárias associam suas marcas aos feitos super-humanos dos atletas em busca de retorno comercial enorme, uma vez que nações de todo o planeta param para assistir às competições olímpicas. A principal causa do interesse dos patrocinadores nesse evento é a transmissão feita pela televisão. Sem isso, a audiência não teria alcance mundial e o público não teria muito interesse no acontecimento, pois não conseguiria acompanhar tão intimamente como hoje faz. O espetáculo promovido pela televisão faz das Olimpíadas maior evento esportivo do mundo.

Pierre Bourdieu defende em *Sobre a Televisão* que o papel atual da TV nos Jogos Olímpicos segue a lógica de mercado, quando classifica a imagem televisiva dessa competição como produto comercial. Para ele, essa imagem tenta atingir e prender duradouramente o maior número de telespectadores possível, por isso curva-se à demanda do público e às expectativas nacionais e nacionalistas de cada país.

Analisar, então, o trabalho feito pelo veículo de comunicação mais poderoso durante uma edição dos Jogos Olímpicos é fundamental para compreender o significado de tal competição. O contexto escolhido para esse estudo foi a cobertura feita pela equipe de jornalismo da maior emissora de televisão do Brasil, a Rede Globo, nas Olimpíadas de 2004, ocorridas na capital da Grécia, Atenas. Além da relevância histórica, pois os Jogos da Era Moderna retornavam à cidade onde tiveram origem, o evento prometia muitas quebras de recordes.

A proposta estabelecida para este trabalho é mostrar o que um acontecimento de tamanha importância representa para uma grande emissora de televisão brasileira. Para isso, a escolha da Rede Globo se deu por motivos evidentes; é o principal meio de comunicação do país, não apenas no sentido de audiência, mas principalmente no poder comercial, o que gera possibilidade de investimentos financeiros e estruturais para realização da cobertura olímpica muito maiores do que o de qualquer outra emissora do Brasil.

Nesse contexto, uma série de ajustes e mudanças foi feita dentro da empresa em busca de um trabalho de alta qualidade. Esses fatores serão apontados e analisados. Através das explicações sobre o trabalho da TV Globo e de seus jornalistas e de breve histórico sobre os Jogos, a importância das Olimpíadas para a nossa sociedade atual também ficará clara.

Dois assuntos irão guiar a problematização deste estudo: as adaptações feitas pela equipe de programação para transmitir as principais competições dos Jogos sem prejudicar os programas regulares da emissora e o comportamento do jornalista esportivo em eventos tão carregados de emoção como são as Olimpíadas. Os tópicos foram selecionados como bases do trabalho por terem sido os mais citados pela crítica especializada e pela crítica do público, que na maioria das vezes desconhece as questões envolvidas nesta cobertura. Assim, esses temas serão tratados mais profundamente em capítulos específicos e abordados ao longo de toda a análise.

Por ser um estudo de caso, a metodologia escolhida foi baseada principalmente na observação das funções dos profissionais da divisão de esportes da Rede Globo que permaneceram no Brasil durante os Jogos e trabalharam quase que exclusivamente com o evento. Além disso, entrevistas com pessoas que estiveram em Atenas foram realizadas para compreender como funcionava a divisão de tarefas entre os profissionais que ficaram na Grécia durante as Olimpíadas. Outras pessoas do meio do jornalismo esportivo também foram ouvidas sobre os assuntos tratados neste trabalho. Artigos de jornais, de sites da internet e de revistas que tratassem do tema foram usados, assim como bibliografia específica. O período de análise para a realização do trabalho foi agosto de 2004, mês em que se deram os Jogos, mas as entrevistas e a leitura de todo o material duraram aproximadamente mais quatro meses.

Uma ordem foi estabelecida para apresentar melhor e mais claramente as questões deste estudo, desenvolvido em seis capítulos. O primeiro recebe o título O significado dos Jogos Olímpicos e faz um panorama da história das Olimpíadas desde seu surgimento ligando o evento até os dias de hoje. Falando sobre a representatividade do atleta naquela época e na atualidade, mostra a importância dele e das Olimpíadas para a sociedade. Além disso, apresenta os assuntos que serão tratados profundamente depois e faz breve histórico sobre a profissão do jornalista esportivo. Informações da página da internet do Comitê Olímpico Brasileiro e o livro *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*, de Daniel Dayan e Elihu Katz, são as principais fontes para elaboração dessa parte do texto.

A programação da TV Globo é o tema discutido no capítulo seguinte. Tendo como base a entrevista feita com o diretor de programação da emissora, Roberto Almeida, o capítulo II mostra primeiro como é dividida a grade de programação regular da Rede Globo e o tempo dedicado ao jornalismo esportivo. Depois, os desafios enfrentados pelo departamento de programação para conseguir transmitir as competições que aconteciam em Atenas sem ter prejuízos comerciais com os anunciantes dos outros programas são apresentados, assim como todas as outras questões com que Roberto Almeida e sua equipe tiveram que lidar ao longo dos Jogos Olímpicos. O capítulo deixa claro que o setor de programação foi uma dos mais envolvidos na cobertura olímpica e fez o melhor trabalho possível diante das dificuldades encontradas.

O terceiro e mais longo capítulo do trabalho é intitulado A divisão de esportes e o jornalista esportivo e de início mostra a estrutura da editoria de esportes, para melhor entendimento do seu funcionamento. A imparcialidade no jornalismo esportivo é o assunto seguinte e a ligação da profissão com a emoção é discutida. Nessa parte, entrevistas com repórteres da TV Globo são usadas, assim como textos de Nelson Rodrigues e da colunista da Folha de São Paulo Bia Abramo. Há ainda explicação sobre as modificações feitas dentro da divisão de esportes, já em função do início dos Jogos, e sobre o Programa Olímpico que acontecia durante a madrugada.

Os critérios usados pelos diretores da CGJ, Central Globo de Jornalismo, para definir os profissionais que foram para Atenas fazer a cobertura no local das Olimpíadas são explicados no capítulo IV, que recebe o título A equipe de Atenas é definida. A entrevista com o editor executivo e integrante da equipe que foi à Grécia Marcelo França é a principal fonte de informação dessa parte, que mostra também como foi dividido o trabalho na redação montada pela TV Globo no centro de imprensa de Atenas e o que representa para um jornalista participar de um evento como Os Jogos Olímpicos.

O Núcleo Olímpico é o título do capítulo V, que apresenta o trabalho desenvolvido pela equipe criada para preparar e promover a cobertura olímpica da emissora. Produzir reportagens que mostrassem ao público o significado desse evento para o universo esportivo e os principais atletas do Brasil e do mundo que estariam competindo era uma das funções dessa equipe, que, em resumo, deveria criar nos telespectadores o desejo de assistir aos Jogos pela TV Globo. Mais uma vez o livro de Daniel Dayan e Elihu Katz, A História em Directo: os

acontecimentos mediáticos na televisão, é usado como bibliografia principal. Outra fonte importante de informação para o quinto capítulo é a entrevista com o diretor do Núcleo Olímpico da Olimpíadas de Atenas, Gustavo Poli.

O sexto e último capítulo deste estudo de caso conclui algumas questões apresentadas anteriormente no trabalho e recebe o título de O esporte na programação olímpica da emissora. De início é mostrado como o tempo dedicado ao esporte aumentou enormemente durante o período dos Jogos Olímpicos, deixando claro que, apesar de todas as dificuldades, a equipe de programação da emissora conseguiu transmitir bom número de competições. Em seguida, o editor-chefe do principal telejornal da Rede Globo (o Jornal Nacional), William Bonner, descreve como ele e sua equipe trabalharam durante as Olimpíadas de Atenas e como seu programa teve que se adaptar para informar tudo o que acontecia na Grécia sem deixar de mostrar ao público as informações não olímpicas. O trabalho chega ao fim com uma declaração de avaliação positiva de Bonner sobre a cobertura da TV Globo nos Jogos Olímpicos de 2004.

O SIGNIFICADO DOS JOGOS OLÍMPICOS

Trezentas e uma modalidades. Duzentos e um países representados por dez mil e quinhentos atletas. Cinco mil e quinhentos integrantes de comissões técnicas. Quatro milhões e meio de euros investidos, o equivalente a aproximadamente treze milhões e meio de reais. Vinte e um mil e quinhentas pessoas trabalhando na cobertura jornalística entre profissionais de mídia impressa, internet, rádio e televisão. Esses impressionantes números dos Jogos Olímpicos de 2004, realizados na capital grega, Atenas, mostram bem o alcance desse evento. Tomando como base as informações da última edição, pode-se tentar compreender o que representam as Olimpíadas para a sociedade em que vivemos e qual o seu significado no mundo atual.

Não existe evento mais importante para o universo esportivo do que os Jogos Olímpicos. Os melhores atletas do planeta se reúnem de quatro em quatro anos em busca do que é considerado o auge de uma carreira no esporte, a medalha de ouro. O sonho de retornar a seu país como ídolo, como aquele que superou limites, batendo recordes e conquistando um lugar entre os maiores da história, motiva os atletas em todo o mundo. A mitificação desse indivíduo, que passa a ser tratado pela mídia e pela sociedade como um ser singular, privilegiado por um talento excepcional e que, com uma dedicação incansável, se tornou um exemplo para toda uma nação, estimula o desejo de cada profissional de chegar lá e evidencia o que a conquista olímpica representa.

A força desse significado é comumente associada a uma importância histórica, ao surgimento dos Jogos Olímpicos na cidade grega de Olímpia por volta do ano de 776 antes de Cristo, de quando datam os primeiros registros oficiais das competições. Naquele momento da história, os atletas eram considerados figuras de prestígio e exemplos de excelência e de superação. A permissão para participar dos Jogos só era concedida àqueles que cumprissem as exigências de rígido código de conduta estabelecido pela sociedade. Os vencedores eram cultuados como verdadeiros heróis, pois a vitória, além de trazer consagração e riqueza para o atleta, proporcionava glória também à sua cidade de origem.

Assim como na maior parte dos torneios realizados à época na Grécia, um dos intuitos dos Jogos era homenagear Zeus, que, de acordo com a mitologia local, era o pai de todos os deuses. A periodicidade do evento era a mesma das Olimpíadas atuais, quatro em quatro

anos. No intervalo, os atletas se dedicavam à preparação física e ao aperfeiçoamento de suas técnicas para melhor competirem quando chegasse a época dos Jogos. Esse período era chamado de Olimpíada e acabou por dar origem ao nome pelo qual até hoje é identificado o evento.

No ano de 393 depois de Cristo, a realização dos Jogos foi interrompida pelo imperador romano Teodósio I. Ele queria se converter ao catolicismo para livra-se de seus pecados e o arcebispo de Milão, Dom Ambrósio, o aceitou com a condição de que todas as festas pagãs fossem acabadas, entre elas as Olimpíadas. Apenas no ano de 1896, mil quinhentos e três anos depois, o ritual foi retomado pelo pedagogo francês e barão de Coubertin, Pierre de Fredy. Este esportista sonhava reviver os Jogos Olímpicos e unir os povos através do esporte, como no passado longínquo, quando as guerras eram interrompidas para celebrar os Jogos. Realizada em Atenas, foi a primeira edição das Olimpíadas da Era Moderna e marcou o reinício desse grande evento, perpetuado e consagrado até hoje.

Muitos mitos e fábulas que glorificam os atletas e a história das Olimpíadas foram disseminados ao longo dos anos. A lenda mais famosa é a que conta a origem da Maratona, uma das mais nobres provas do atletismo, e que até os dias de hoje tem a honra de encerrar os Jogos Olímpicos. No ano de 490 antes de Cristo, um mensageiro grego teria corrido da cidade de Maratona até a capital grega, completando quarenta e dois quilômetros, para dar a notícia da vitória do exército local sobre os invasores persas. Depois de cumprir sua missão teria caído morto de cansaço. Em homenagem ao guerreiro, surgiu a disputa de tal prova.

Diversas mudanças ocorreram ao longo dos anos que separam dos dias atuais o início dessa celebração esportiva. Um dos maiores exemplos certamente diz respeito à participação das mulheres, que até os Jogos de Paris, em 1900, não podiam sequer assistir às competições e hoje disputam em igualdade de condições aos homens.

Porém, há traços que ainda permanecem bastante similares aos cultivados originalmente. Entre eles, a condição de herói conquistada pelos vencedores de antigamente, que persiste quase como consequência imediata das vitórias olímpicas de hoje e remete à questão da mitificação, mencionada anteriormente. Os atletas ainda são

vistos como aqueles que se sacrificam e se dedicam ao máximo para representar com dignidade o país. Em momentos em que são expostos ao máximo pela mídia, como o período de que tratamos nesse trabalho, se conseguem uma campanha de sucesso passam a ser cultuados também como heróis. Muitos exemplos podem ser observados no retorno dos brasileiros dos Jogos de Atenas. Atletas que atingiram bons resultados, tendo conquistado medalha ou não, tiveram recepção calorosa nos aeroportos, desfilaram em carros abertos por suas cidades – cujos moradores sentiam orgulho dos “irmãos” que elevaram a tal patamar o nome de sua terra natal, assim como acontecia nos primórdios dos Jogos - foram assediados pela imprensa, participaram de programas na televisão. Enfim, foram tratados como estrelas no retorno ao Brasil.

O jornalista na cobertura olímpica

“Apesar das diferenças que apresentam, acontecimentos como os Jogos Olímpicos, a viagem a Jerusalém de Anwar-el-Sadat e o funeral de John F. Kennedy deram forma a um novo gênero de narrativa que emprega o potencial único dos mídia eletrônicos para exigir uma atenção universal e simultânea, com o objetivo de a fixar numa história que está a ser contada sobre a atualidade. Estes são os acontecimentos que envolvem o aparelho de televisão numa espécie de aura e que transformam o ato de assistir” (DAYAN e KATZ, 1992, p. 17).

Pela inegável importância de um evento como esse para o meio esportivo e para a sociedade, a cobertura da imprensa demanda tratamento especial. Proporcionar uma cobertura de qualidade, com informações atualizadas sobre a delegação brasileira e sobre os principais acontecimentos, é dever de qualquer meio de comunicação, especialmente daqueles especializados no assunto. Com este objetivo, os melhores profissionais são deslocados para o local do evento, para que de lá possam informar com precisão o que acontece durante os Jogos. Estar em uma Olimpíada pode ser considerado grande vitória para os jornalistas esportivos que nela trabalham. No Brasil, somente uma Copa do Mundo de futebol é tratada com a mesma importância pela mídia. Os dois acontecimentos esportivos são o auge de uma carreira profissional para os jornalistas do meio.

Partindo desse princípio, de que é necessário trabalho diferenciado para tal cobertura, a TV Globo, no papel de maior emissora do Brasil, fez uma série de investimentos e modificações. Desde mudanças na grade regular de programação à reestruturação da editoria

de esportes na sede da emissora no Rio de Janeiro, passando pelo deslocamento de grande equipe que atuou no local dos Jogos, sempre buscando a melhor forma de apresentar o evento de acordo com os padrões de qualidade da emissora e com as expectativas dos espectadores com relação aos Jogos Olímpicos.

Não há como negar a preocupação das emissoras de TV, e nesse caso específico da TV Globo, em corresponder àquilo a que o público deseja assistir, uma vez que esse veículo trabalha diretamente com a questão da audiência. É o maior ou menor número de espectadores que determina o sucesso de cada emissora de televisão. Assim, na cobertura de um evento como os Jogos Olímpicos essa questão não pode ser esquecida. Pelo contrário, é trabalhada para que o meio de comunicação atinja o melhor resultado possível.

Em meio a alguns fatores notados no trabalho da imprensa televisiva brasileira nas Olimpíadas de 2004, o comportamento de torcedor de muitos jornalistas responsáveis pela transmissão dos eventos e pela produção de reportagens para os telejornais foi bastante questionado.

O trabalho jornalístico desenvolvido pela imprensa especializada em esportes é bastante diferente daquele feito em qualquer outra editoria dos meios de comunicação, por ter que se preocupar com o fato de lidar diretamente com a emoção daquele que recebe a informação. Por isso, a tendência dominante dos profissionais dessa área no seu dia-a-dia de trabalho é buscar ao máximo possível a imparcialidade. O jornalista deve deixar claro o seu papel de informante, de alguém escolhido para relatar os fatos, sem deixar que a paixão por determinado time de futebol ou de vôlei, por exemplo, interfira no resultado de seu trabalho.

No entanto, essa preocupação é comumente deixada de lado quando o evento esportivo envolve uma seleção brasileira ou um atleta que esteja representando o país, como ocorre nos Jogos Olímpicos e na Copa do Mundo de futebol. Na maioria das vezes, os profissionais da imprensa, sejam eles narradores, repórteres ou comentaristas, assumem comportamento de torcedor. Para Daniel Dayan e Elihu Katz, em *A História em Directo*, uma transmissão olímpica feita pela televisão é classificada como acontecimento mediático. Esses “são interrupções da rotina; intervêm no fluxo normal das emissões e da nossa vida. Tal como as festas, que interrompem as rotinas diárias, os acontecimentos mediáticos propõem algo excepcional para se pensar, para testemunhar e para fazer” (1992, p.20). Além disso, são

eventos transmitidos *em directo*, ou seja, no exato momento em que estão acontecendo, em tempo real, e, assim, são imprevisíveis. Para os autores, nesse tipo de acontecimento “ os jornalistas que os relatam suspendem a sua perspectiva crítica normal e tratam o tema com respeito, e até com veneração” (1992, p.22).

Na opinião do jornalista Ricardo A. Setti (2004) ao exibir um jogo torcendo assumidamente para os jogadores brasileiros ou ao valorizar o resultado de um atleta que não tenha chegado entre os primeiros, a televisão está tentando vender como espetáculo o material que coloca no ar.

A emoção, como sabemos, é a própria alma do esporte. Ela está na glória da vitória, na decepção da derrota, na superação dos limites, nas trapaças do imprevisto, nos dramas e êxtases que um megaevento como as Olimpíadas comportam...Não é fácil ao jornalismo esportivo resistir a misturar duas coisas que compartilham de idêntico fio condutor. Adicione-se a este outros fatores que encerram na própria natureza sérios conflitos de interesse: nos esportes, as emissoras têm que lidar simultaneamente com o fato jornalístico a ser coberto e com o evento que precisaram "comprar" e que, portanto, exige o máximo de audiência para que o retorno financeiro seja compensador. Pronto, está feita a cama para o infotainment, a palavra híbrida com que os americanos batizam essa mixórdia. Na verdade, o fenômeno não é novo. Mas o fato é que a televisão, nessa área, cada vez mais intervém na realidade que cobre - não apenas influenciando in loco a atitude e o próprio desempenho dos atletas, mas editando as reportagens com elementos ficcionais. Por mais que a emoção do esporte seja suficiente para encantar a alma humana, a realidade que ocorre em estádios, ginásios e piscinas é pouco, não basta, não é suficiente para o grau de espetaculosidade que a TV anseia exibir.

A ligação do jornalismo esportivo com a emoção será destacada ao longo de todo o estudo, uma vez que faz parte do trabalho do profissional dessa área aprender a lidar com essa questão e tentar compreender as expectativas dos espectadores no que diz respeito à postura que deve adotar diante de cada situação.

Breve histórico do jornalismo esportivo no Brasil

Dentro do panorama do jornalismo especializado no Brasil, o jornalismo esportivo é o que mais se enquadra nessa classificação. Os profissionais desse meio dedicam todo o seu tempo de trabalho a assuntos exclusivamente ligados ao esporte e, assim como em algumas outras áreas do jornalismo, são exclusivos de tal setor. Um jornalista da divisão de esportes só faz

matérias sobre esporte, em qualquer meio de comunicação, seja televisão, rádio, impressos ou internet.

Esse tipo de jornalismo especializado foi conquistando o seu espaço aos poucos, de forma lenta e gradual. Quem observa o lugar que o esporte ocupa hoje na mídia, com tamanho investimento em coberturas como a tratada neste trabalho, pode se enganar, achando que essa situação sempre foi vigente. Porém, a pré-história do jornalismo esportivo pode ser definida como uma época marcada pela marginalização. A cobertura esportiva era equiparada à cobertura policial, o que mostra como, nos tempos primeiros da história do jornalismo, o esporte era tido como um assunto de menor importância.

Os profissionais que ocupavam a editoria de esportes, habitualmente, eram aqueles que haviam acabado de chegar ao meio de comunicação sem nada saber ainda sobre a profissão. Os focas, como são chamados os novatos, tinham no esporte um lugar para iniciar a carreira, já que o tema era visto como fácil de se trabalhar, uma vez que a idéia existente era que de carnaval e de futebol todo mundo entendia. Vale destacar que a história do jornalismo esportivo está diretamente ligada à cobertura de futebol, pois esse sempre foi o esporte número um do Brasil. Esta era a situação da fase ainda amadora do jornalismo esportivo, quando no Rio de Janeiro apenas o Jornal dos Sports tratava exclusivamente do tema e O Globo tinha uma equipe de esportes mais organizada do que os outros impressos.

O grande passo para a profissionalização dessa área do jornalismo veio com a conquista da Copa do Mundo de 1958, primeiro título mundial da seleção brasileira de futebol, ganho na Suécia. A partir desse momento, além do aumento de interesse por parte do torcedor, o esporte passou a ser encarado de forma diferente. As histórias daquele time que voltava para o Brasil com uma vitória inédita passaram a chamar a atenção de todos e, conseqüentemente, da imprensa. O esporte começou a receber um olhar diferente, mais justo e proporcional à paixão que despertava na população, e começou a ser visto como atividade cultural de relevância.

Outro aspecto importante nesse caminho percorrido pela imprensa especializada em esportes foi o fato de esta passar a ser vista pelos donos de jornal como um caminho possível para o lucro. A partir dessa constatação, o espaço dedicado ao setor aumentou e ele ganhou estrutura bem definida. O esporte deixou de ser visto como um assunto que era “encaixado” nas outras editorias. Nesse momento ele passou a ter o seu próprio lugar nos meios de

comunicação e essa mudança foi de fundamental importância para formar o público desse assunto e criar o quadro que observamos hoje, em que o jornalismo esportivo a cada dia aumenta o seu número de aficionados. Satisfazendo as necessidades de informação desse público específico, maior ligação entre eles e o seu clube do coração ou a sua seleção de futebol, por exemplo, foi estabelecida.

Nos dias de hoje, o espaço dedicado ao jornalismo especializado em esportes é evidente em todos os meios de comunicação. Além dos investimentos feitos em transmissões de grandes eventos da área, como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo, a quantidade de notícias diárias sobre o assunto é enorme. Nos jornais impressos, o caderno esportivo traz notícias completas sobre os principais acontecimentos do dia, além de colunistas também especializados e específicos dessa mesma editoria. Nas rádios, especialmente as da frequência AM, essa ligação com o esporte é clara. Além das transmissões de jogos, diversos programas tratam unicamente de temas esportivos e o meio ainda é um dos principais celeiros de profissionais da área. Na televisão, diversos programas também se dedicam exclusivamente ao esporte, por mais diferentes que sejam as abordagens dentro do assunto, e as transmissões de jogos de futebol são responsáveis por uma das maiores audiências dos canais que as colocam no ar. Todos esses indicativos deixam evidente o espaço conquistado pela imprensa especializada em esportes ao longo de sua história e também justificam a escolha do tema estudado neste trabalho de conclusão de curso.

A PROGRAMAÇÃO DA TV GLOBO

Ficar no ar durante 24 horas é um dos grandes desafios da TV Globo. É necessária enorme estrutura para que, durante todo o dia, a emissora possa oferecer aos seus telespectadores uma programação diferenciada e de qualidade. Conseguir agradar aos milhões de brasileiros que assistem diariamente à emissora é o objetivo da empresa, que, para isso, investe na variedade.

Com produção semanal de aproximadamente 8.081 minutos (média calculada com base na programação regular do mês de junho de 2004), há na grade de programação da TV Globo diversos tipos de programas que podem ser divididos basicamente na seguinte classificação: programas educativos, infantis, de entretenimento e os telejornais. Na primeira categoria estão incluídos os telecursos – cursos de capacitação dados por meio da televisão -, o Globo Educação, o Globo Ciência, o Globo Ecologia, o programa Ação, o TVE/ MEC, o programa Comunidade e o Pequenas Empresas. Os programas que se incluem nesse grupo buscam oferecer ao telespectador conhecimentos sobre determinado assunto para que ele possa melhorar suas condições de vida em algum dos aspectos desenvolvidos no programa. Com cerca de 375 minutos semanais de produção, representam, em média, de 4% a 5% da programação da emissora.

Na segunda categoria estão os programas Xuxa no Mundo da Imaginação, Sítio do Pica Pau Amarelo, TV Globinho, a série americana de desenho animado Os Simpsons, que a emissora compra os direitos de apresentação no Brasil, e o programa do ex-trapalhão Renato Aragão, Turma do Didi. Dirigidos ao público infanto-juvenil, são apresentados em horários que possam conquistar essa audiência. Com aproximadamente 930 minutos semanais, representam de 11% a 12% da produção da emissora.

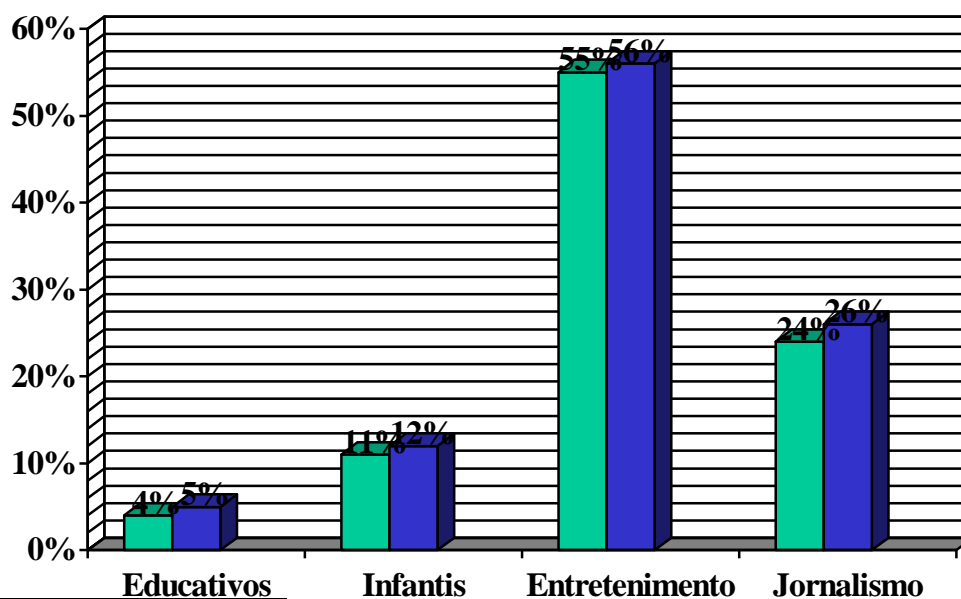
Os programas de entretenimento formam o terceiro e maior grupo da programação da TV Globo. Nele se encontram todas as novelas da casa, os filmes, os programas de auditório, como Domingão do Faustão, e os de entrevistas, como o Programa do Jô, os seriados exibidos regularmente uma vez por semana, como o Casseta e Planeta Urgente, e os diários Mais Você e Vídeo Show. O perfil deles varia de acordo com o horário e o público alvo, mas todos têm

como objetivo divertir, ou seja, entreter aqueles que os assistem. Com média de 4.403 minutos de produção por semana, esse grupo representa de 55% a 56% da programação da emissora.

O último grupo concentra toda a produção da parte de jornalismo com os telejornais diários e semanais. Nele se encontram os telejornais destinados às praças regionais, no nosso caso o estado do Rio de Janeiro, como o Bom Dia Rio, o RJ TV 1 (primeira edição) e o RJ TV 2 (segunda edição), os telejornais de rede como o Globo Rural, o Bom Dia Brasil, o Jornal Hoje, o Jornal Nacional, o Jornal da Globo e o semanal Globo Repórter, e os telejornais cujo assunto específico é o esporte, o Globo Esporte e o dominical Esporte Espetacular. As transmissões ao vivo de eventos esportivos, como os jogos de futebol, por exemplo, também são categorizadas dentro desse grupo, uma vez que são realizadas pela equipe da divisão de esportes. Assim, com uma média de 1.998 minutos de produção semanal, a parte de jornalismo da emissora representa de 24% a 26% da programação da semana da TV Globo.

O gráfico abaixo ilustra todas as divisões da programação da emissora citadas acima. Vale destacar que as categorias foram criadas pela autora deste trabalho com base nas similaridades de cada programa, enfocando o público alvo e os objetivos e propostas de trabalho de cada um deles.

1



¹ As variações de valores acontecem devido às mudanças na grade regular causadas por acontecimentos não previstos, porém, comuns na programação.

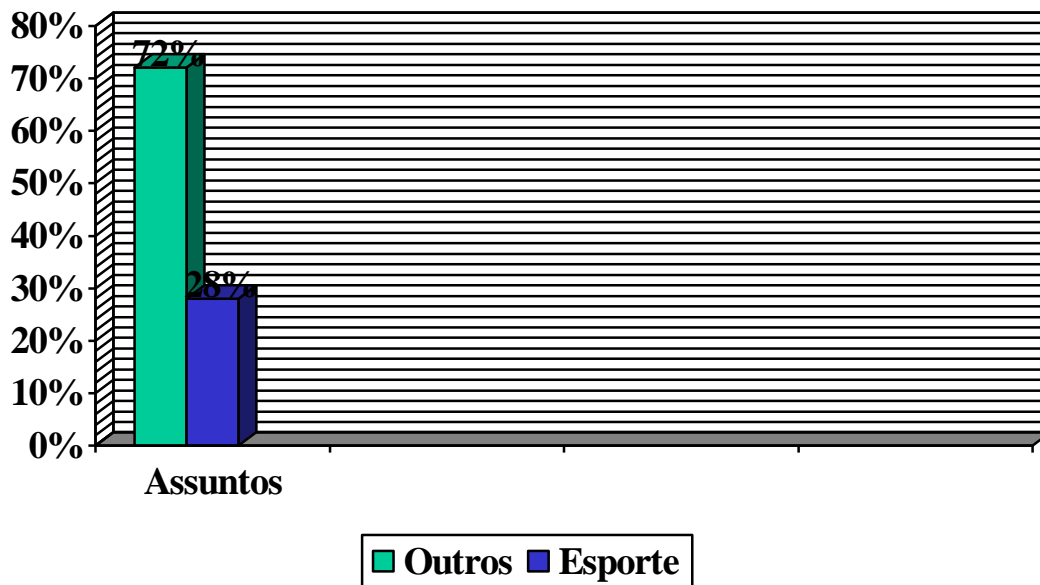
O esporte na programação da emissora

² Os programas de esporte têm uma audiência muito boa, o Esporte Espetacular é líder no seu horário e as transmissões de futebol também. Essas têm uma audiência excelente (informação verbal).

A afirmação é do diretor de programação da TV Globo, Roberto Almeida. Embora haja público para os telejornais esportivos e para as transmissões do mesmo gênero, um canal de televisão aberta lida com uma enorme variedade de telespectadores. Por isso não pode usar muito do seu espaço apenas com um público específico. Dentro do espaço da programação destinado ao jornalismo, o tempo destinado aos assuntos exclusivamente esportivos representa apenas 28% dessa parcela.

Como mostra o gráfico abaixo, de aproximadamente 1.998 minutos de produção jornalística semanal, o esporte é responsável por apenas 558 . Ou seja, 28% do tempo, enquanto os outros assuntos ocupam os 72% restantes. Nesse espaço específico do esporte não estão incluídas as reportagens que abordam o assunto e vão ao ar nos telejornais não especializados, como uma matéria sobre a seleção brasileira de futebol que entra no Jornal Nacional, por exemplo. Tratamos aqui apenas do espaço dado aos telejornais esportivos, ou seja, o Globo Esporte , o Esporte Espetacular e as transmissões ao vivo do gênero.

² Asas citações atribuídas ao diretor de programação da TV Globo, Roberto Almeida, foram concedidas em uma entrevista feita especialmente para a realização deste trabalho, no mês de novembro de 2004.



Os desafios da equipe de programação na cobertura dos Jogos Olímpicos

Modificar toda uma programação já pensada, esquematizada e, principalmente, comercializada, é uma das maiores dificuldades de um canal de TV aberta ao realizar uma cobertura olímpica. Para que essa seja feita com o devido cuidado e qualidade, toda a grade da emissora deve mudar em função do horário dos Jogos. É nesse contexto que entra o trabalho da equipe de programação da emissora.

Roberto Almeida aponta como uma das maiores dificuldades na transmissão dos Jogos o cancelamento dos programas regulares da casa, cujos intervalos comerciais já haviam sido negociados com anunciantes.

A Globo tem muitos anunciantes. Em média, detemos quase 80% dos anunciantes de televisão. Na hora de cancelar um programa para passar algum jogo, tenho que pensar nisso. Se eu cancelo Malhação, por exemplo, como fizemos algumas vezes, eu tenho prejuízo, porque deixo de ganhar com aqueles anunciantes do horário. Uma coisa são as outras emissoras cancelarem a sua programação, já que todas juntas dividem os 20% restantes dos anunciantes. Aqui na Globo eu tenho muitos compromissos comerciais, tenho que pensar que não posso ter prejuízos (informação verbal).

Outra grande preocupação da emissora, no que diz respeito especialmente à programação, é a fidelidade do público. Criar nos telespectadores o hábito diário de assistir

aos programas do canal é o maior objetivo da equipe, que trabalha diariamente para isso. Tentar não cancelar repetidamente o mesmo programa também é um desafio para essa equipe durante as Olimpíadas, como explica Roberto Almeida.

Se hoje eu cancelei Malhação para exibir a abertura dos Jogos, amanhã não posso fazer o mesmo. O público está acostumado a todos os dias, no mesmo horário, ligar a TV na Globo e assistir à Malhação. Se deixo de passar a novela dois ou três dias seguidos, corro o risco de interromper esse hábito. Por isso também, optamos pelos flashes na programação (informação verbal).

Mais de cem flashes ao vivo aconteceram durante a transmissão dos Jogos, interrompendo a programação se alguma prova importante estivesse acontecendo. Foi uma forma de informar os telespectadores sobre tudo o que acontecia de relevante no evento, sem modificar tanto a programação. “Mas todas as vezes que cancelamos um programa da casa, o narrador da transmissão que acontecia no momento explicava para o público o motivo do cancelamento. Houve uma grande preocupação da nossa parte de justificar para o nosso público o porquê de mexer na nossa grade e a importância daquele evento que estava sendo transmitido” (2004, informação verbal).

O critério estabelecido para decidir quais seriam as prioridades de transmissão também foram estudados e analisados por essa equipe. O objetivo mais importante, obviamente, era acompanhar as provas dos brasileiros. No entanto, acompanhar de perto os duzentos e quarenta e sete atletas brasileiros em suas vinte e duas modalidades seria tarefa impossível para a TV Globo, pelos motivos já citados anteriormente. Assim, critérios mais específicos foram elaborados. Entre os brasileiros, aqueles que estivessem cotados como possíveis medalhistas teriam a cobertura da emissora, para que ela não corresse o risco de perder um momento histórico dos Jogos. Os esportes classificados como preferidos da população, como futebol e vôlei, também teriam atenção especial.

Como o futebol masculino ficou de fora dos Jogos, nós perdemos um dos grandes atrativos da competição para os brasileiros, foi mais uma dificuldade na nossa transmissão. Tivemos que pensar, então, que esportes teriam apelo diante da população nesse momento. O vôlei é um bom exemplo dessa escolha (informação verbal).

Embora o vôlei brasileiro vivesse momento muito bom no período das Olimpíadas, com chances reais de medalhas tanto na quadra quanto na praia, as regras desse esporte trazem muita dificuldade para a sua transmissão e, conseqüentemente, para a equipe de programação,

pois não há duração predeterminada para o jogo. Como o resultado não é decidido dentro de um tempo limite, e sim de acordo com determinado número de pontos que deve ser feito antes do adversário, a transmissão pode demorar apenas trinta minutos ou três horas. Nesse sentido, era difícil estabelecer acordo prévio com os anunciantes e prever exatamente quais programas deixariam de ser exibidos devido a essa transmissão específica. “Quando um evento estourava o tempo, eu ia negociando na hora com os anunciantes, ou então cancelava alguma propaganda e depois negociava algum tipo de compensação, como um abono de preço ou mais uma exibição da marca em um outro horário” (2004, informação verbal).

Todas essas mudanças são necessárias e devem ser feitas se uma emissora decide proporcionar aos seus telespectadores uma transmissão de qualidade do maior evento esportivo do mundo. No entanto, diferente do que defendem Daniel Dayan e Elihu Katz, no livro *A História em Directo - Os Acontecimentos Mediáticos na Televisão*, quando afirmam que esses acontecimentos mediáticos - em que se enquadram os Jogos Olímpicos – “eletrizam enormes audiências: uma nação, várias nações ou o mundo. Prende-nos, fascinam-nos. São caracterizados por uma obrigatoriedade de assistir, as pessoas passam a palavra de que é preciso ver, que tudo o resto tem que ser posto de lado” (1992, p.23), Roberto Almeida acredita que, no Brasil, as Olimpíadas não são sinônimo de grande audiência.

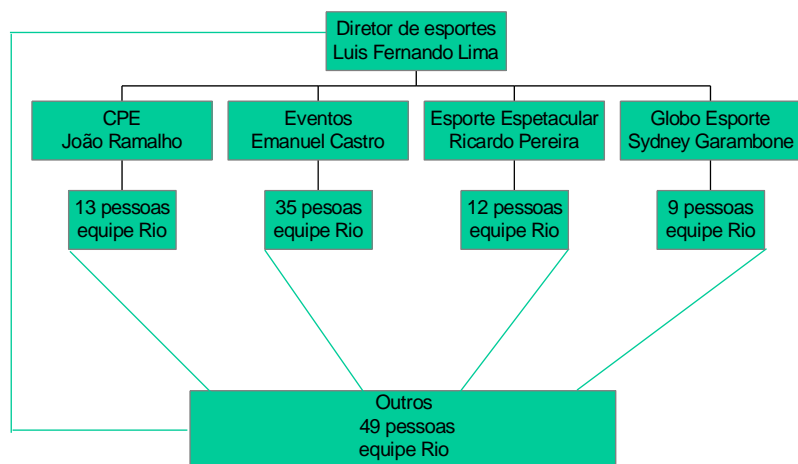
Há, sem dúvidas, público para as transmissões olímpicas. Mas colocar no ar algum evento dos Jogos não quer dizer, necessariamente, sucesso de público. O esporte atinge público bastante segmentado, específico mesmo, por isso eu também tenho que pensar em não decepcionar a telespectadora da novela tirando do ar o seu programa para passar um jogo. O futebol tem um grande índice de rejeição entre as mulheres, por exemplo. Todos esses fatores devem ser pensados pela nossa equipe durante uma transmissão olímpica (informação verbal).

A conclusão de Roberto Almeida deixa claro todos os desafios enfrentados por sua equipe em um evento do tamanho dos Jogos Olímpicos. A área de programação é o setor no qual as modificações para tal cobertura são mais evidentes aos olhos dos telespectadores. No entanto, não é a única que exige mudanças. A divisão de esportes da TV Globo, de fundamental importância para a transmissão de todo o evento, também passou por profunda adaptação durante esse período, como será mostrado no capítulo seguinte.

A DIVISÃO DE ESPORTES E O JORNALISTA ESPORTIVO

Cento e dezenove pessoas formam a equipe da divisão de esportes da TV Globo no Rio de Janeiro, que é responsável pela produção de reportagens e eventos que tratem do assunto. Nesse grupo estão os telejornais especializados – Globo Esporte e Esporte Espetacular -, as transmissões de eventos ao vivo e as matérias de esporte exibidas nos telejornais não especializados. Para que todo esse trabalho seja realizado, é necessária uma distribuição de funções e de responsabilidades dentro da redação de esportes.

O gráfico abaixo mostra os setores em que a editoria é dividida.



O CPE - Centro de Produção do Esporte -, chefiado pelo produtor João Ramalho, tem treze funcionários e é responsável pela produção de praticamente todas as reportagens feitas pela editoria. É nesse setor que são definidas as escalas, ou seja, para onde cada equipe da divisão irá em cada dia, e as pautas esportivas. São também esses funcionários que fazem o contato com as afiliadas da Rede Globo em todo o Brasil, ou as praças, como são chamadas dentro da emissora. O chefe de reportagem do esporte, Dario Leite, também pertence ao CPE e é quem responde diretamente por todas as informações divulgadas nas matérias feitas pela a editoria.

A segunda área do organograma é a de eventos. Comandada pelo diretor Emanuel Castro, essa equipe é responsável por todas as transmissões esportivas da TV Globo, que acontecem sempre ao vivo. Nesse pacote estão incluídas as transmissões de futebol,³ que ocorrem às quartas-feiras à noite e aos domingos na parte da tarde, e os eventos exibidos aos domingos de manhã, no Esporte Espetacular. Embora essa transmissão aconteça dentro de um programa, é interessante notar que a equipe que a produz é diferente daquela que faz o telejornal dominical.

O Esporte Espetacular, que vai ao ar no domingo às 9h30, tem como editor-chefe o jornalista Ricardo Pereira e conta com doze pessoas em sua equipe. Os produtores do telejornal são responsáveis por pensar reportagens que se enquadrem no perfil do programa, produzi-las e editá-las junto aos editores de imagem. Essa é a principal diferença entre o trabalho dos profissionais do Esporte Espetacular e os do Globo Esporte. Como o último é um telejornal diário (é exibido de segunda a sábado às 12h45), o ritmo de trabalho dele é mais acelerado do que o do programa semanal e acaba não permitindo que seus funcionários saiam às ruas para produzir as matérias. A equipe do Globo Esporte, formada por nove pessoas e comandada pelo editor-chefe Sydney Garambone, basicamente se concentra dentro da emissora e edita as reportagens no mesmo dia que essas são exibidas, pois o fechamento é diário. No Esporte Espetacular, as matérias são feitas ao longo da semana e o fechamento do programa acontece no sábado.

O último grupo destacado no organograma e classificado como Outros diz respeito aos profissionais cujo trabalho faz parte de todas as áreas da editoria. Nele estão incluídos os repórteres, os repórteres cinematográficos, os estagiários, os apresentadores, os narradores, os comentaristas, os funcionários do setor administrativo da editoria e os da área de planejamento e controle, que trabalham para todos os setores da divisão de esportes. O grupo ainda conta com o músico Aluísio Didier e o diretor de operações, Fernando Guimarães, que tem como função chefiar toda a parte operacional e técnica que a editoria necessita.

O diretor de esportes, Luis Fernando Lima, é o responsável absoluto pela divisão de esportes e todas as áreas apresentadas estão subordinadas às determinações dele. Vale ressaltar

³ Os horários estão sujeitos a mudanças em função de acontecimentos que alterem a grade regular de programação da TV Globo.

que a distribuição apresentada diz respeito à redação do Rio de Janeiro, local onde se concentra a maior parte dos profissionais da área de esportes.

Embora existam divisões dentro da mesma editoria, por tratarem do mesmo tema, as áreas funcionam em conjunto. Isto fica claro no que diz respeito ao estilo de trabalho dentro da editoria, estabelecido em função de um padrão de comportamento para todos os profissionais que a compõem; a preocupação constante com a imparcialidade.

A imparcialidade no jornalismo esportivo

É sabida a íntima ligação do esporte com a emoção. Trabalhar diariamente com esse assunto, a fim de informar com qualidade, é um desafio constante, uma vez que o indivíduo que recebe a notícia já carrega uma bagagem de sentimentos capaz de distorcer o sentido da informação.

As palavras romanceadas de Nelson Rodrigues (1993, p.60), retiradas da crônica “É chato ser brasileiro!”, publicada na revista Manchete Esportiva no ano de 1958, após a primeira conquista de uma Copa do Mundo de futebol pelo Brasil, mostram com clareza o valor de um título como esse para a nossa sociedade. Nesse contexto, torna-se mais fácil compreender as questões que o trabalho do jornalista esportivo envolve e os sentimentos ligados a essa imprensa especializada.

Dizem que o Brasil tem analfabetos demais. E, no entanto, vejam vocês: - a vitória final, na Copa da Suécia, operou o milagre. Se analfabetos existiam, sumiram-se na vertigem do triunfo. A partir do momento em que o Rei Gustavo da Suécia veio apertar as mãos dos Pelés, dos Didis, todo mundo aqui sofreu uma alfabetização súbita. Sujeitos que não sabiam se gato se escreve com “x” iam ler a vitória nos jornais. Sucedeu essa coisa sublime: - analfabeto natos e hereditários devoravam vespertinos, matutinos, revistas e liam com uma ativa, uma devoradora curiosidade, que ia do “lance a lance” da partida até os anúncios de missa. Amigos, nunca se leu e, digo mais, nunca se releu tanto no Brasil.

Nelson Rodrigues fala de um povo analfabeto que depois de uma importante vitória da seleção brasileira de futebol se torna apto a entender o que está escrito nos jornais sobre o jogo. A ironia do texto mostra como as pessoas se transformam em função de um acontecimento esportivo, capaz de mexer tão profundamente com a emoção da população. É nesse universo que o profissional do jornalismo esportivo tem que aprender a trabalhar.

Na TV Globo há uma constante preocupação com a questão da imparcialidade quando o assunto tratado é o esporte. O repórter Tino Marcos, principal nome do jornalismo esportivo da emissora nos dias de hoje, resume a essência desse trabalho.

⁴Embora as notícias do esporte não interfiram diretamente na vida das pessoas, como o aumento da inflação, o trânsito ou outros tantos assuntos de interesse direto no dia a dia, o esporte aproxima as pessoas, é a liga que junta as pessoas numa conversa informal. Muita gente fala comigo como se eu fosse alguém íntimo, velho conhecido. O esporte é isso: um grande fórum no qual todo mundo se sente habilitado a palpitar. Tem que haver a busca pela imparcialidade sempre. Antes de mandar para o ar, é preciso fazer sempre uma análise, para ver se a abordagem está correta, se a balança não está pesando mais para um lado. O ⁵Schoroder, nosso diretor, sempre lembra que a credibilidade é nosso patrimônio mais valioso. É o tempo é que vai dar ao profissional mais ou menos credibilidade. Por isso, procurar ser justo e imparcial, mesmo nos pequenos casos, é fundamental (informação verbal).

Essas dificuldades diárias são ampliadas ao máximo no momento de uma cobertura como a dos Jogos Olímpicos, uma vez que há muita atenção voltada para esses profissionais e qualquer declaração ganha mais repercussão, por isso esse trabalho deve ser feito com grande responsabilidade. A questão da emoção por parte dos telespectadores ganha nessa ocasião uma dimensão incomparavelmente maior do que as situações do cotidiano.

No entanto, uma das principais diferenças apontadas pelos profissionais da área entre uma cobertura olímpica e o trabalho do dia-a-dia pode ser compreendida como um facilitador. No momento em que esse profissional está acompanhando a seleção brasileira de futebol ou um atleta que esteja representando o Brasil, como o tenista Gustavo Kuerten, por exemplo, ele está falando para um país inteiro, com os mesmos desejos e sentimentos. Naquele instante todos os brasileiros torcem para um mesmo atleta ou para um único time e nesse contexto a questão da imparcialidade pode ser mais fácil de ser trabalhada pelo jornalista.

O risco de, aos olhos do telespectador, esse profissional parecer estar torcendo para um time em detrimento de outro deixa de ser uma questão relevante. Para o indivíduo que recebe a notícia, nessa situação específica, não é um problema o jornalista torcer para a seleção brasileira, uma vez que ele é um cidadão brasileiro também. Contanto que a qualidade e a eficiência na emissão das informações não sejam prejudicadas pela emoção do profissional, o

⁴ As citações atribuídas ao repórter Tino Marcos foram concedidas em uma entrevista feita especialmente para a realização deste trabalho, no mês de novembro de 2004.

⁵ Carlos Henrique Schoroder, diretor de jornalismo da TV Globo.

telespectador não se sente desconfortável por assisti-lo apoiando os atletas brasileiros. Já no caso de um jogo de futebol do Campeonato Brasileiro, por exemplo, essa compreensão jamais ocorreria se o público percebesse o jornalista torcendo para um determinado time.

Embora o envolvimento emocional do profissional seja aceito em certas situações, ele não pode esquecer que sua função é informar, é contar para aqueles que não estão no local do acontecimento, tudo que ali ocorreu. A partir do momento que a emoção passa a interferir nessas questões ou a ser usada como artifício para atrair a atenção do público e se torna um instrumento em busca de audiência, esse comportamento deve ser repensado.

Esse é o ponto de vista da colunista do jornal Folha de São Paulo Bia Abramo. Para ela, a televisão usa esses recursos como mecanismo de manipulação a fim de estabelecer uma relação de cumplicidade com o telespectador e assim conseguir criar uma realidade para aquele que a assiste. Em seu artigo publicado na Folha Ilustrada intitulado “Esporte na TV faz aflorar nacionalismo” (2004, p.3), ela destaca:

Não, aqui e agora, o nacionalismo é mote publicitário, um "frissson" provocado pela exposição maciça do verde-amarelo que toma conta do espaço televisual nesse período. Trata-se de uma impostura, claro, que tem no telejornalismo esportivo um de seus principais pilares. Parece que a missão do telejornalismo é botar o telespectador para torcer irracional e histericamente. Os narradores de jogos falam aos berros, forçam o olhar do espectador aos acertos ou à suposta superioridade dos brasileiros e inventam expressões pouco generosas para desqualificar o adversário sem a menor preocupação de manter algum tipo de imparcialidade.

A opinião da jornalista vai de encontro a dos profissionais da TV Globo que, embora admitam que a emoção possa atrapalhar o trabalho do jornalista caso seja exagerada ou falsa, acreditam que, na dose certa, o envolvimento do profissional com os atletas que representam o Brasil faz parte do trabalho e de seus desafios constantes. O repórter Eric Faria defende que é possível informar com qualidade ao se colocar no lugar daquele que está assistindo.

⁶ O envolvimento mais ‘íntimo’ só será prejudicial se entrarmos no conceito da imparcialidade. Temos a obrigação de elogiar e criticar. Mas até mesmo quando criticamos temos que ter cuidado para não exagerarmos, justamente porque como brasileiro, também estaremos sofrendo com uma eventual derrota. É preciso tentar fazer um exercício de se colocar no papel de quem está em casa. Será que o trabalhador sentado na poltrona está com

⁶ As citações atribuídas ao repórter Eric Faria foram concedidas em uma entrevista feita especialmente para a realização deste trabalho, no mês de novembro de 2004.

raiva? Triste? Orgulhoso com a campanha? Às vezes, uma palavra de consolo pode ser tão representativa quanto uma crítica irônica (informação verbal).

Assim como Eric, seu companheiro de trabalho Tino Marcos, um dos repórteres da escolhidos para integrar a equipe da emissora que foi para Atenas na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2004, defende que a emoção e o envolvimento com os atletas, nessa situação específica, pode ser utilizada como um instrumento de trabalho sem diminuir a qualidade do mesmo.

De certa forma, é legal o jornalista pensar no imaginário do torcedor, em como ele gostaria de se informar, de se emocionar, às vezes até de agradecer ao atleta pelo que fez para o país. É bom se deixar levar um pouco pela emoção e tentar passar isso, com honestidade, sem artificialismo nem sensacionalismo. É legal quando a entonação do jornalista está visivelmente emocionada, essa energia passa pra quem ta vendo. Mas não pode ser de mentirinha, esse é o perigo (informação verbal).

Depois de analisar a estrutura da editoria de esportes da Rede Globo do Rio de Janeiro e de compreender as questões que envolvem o cotidiano dos profissionais desse setor, é necessário entender as mudanças realizadas na infra-estrutura da divisão de esportes durante os Jogos Olímpicos de Atenas em 2004, para melhor perceber como foi feito esse trabalho de cobertura. Além da necessidade de suprir a falta dos profissionais que foram escalados para fazer parte da equipe que seguiu para a capital grega, houve também uma reestruturação da equipe que permaneceu no Brasil, para que a emissora pudesse cobrir todos os horários em que as competições estivessem acontecendo.

A divisão de esportes se prepara para os Jogos Olímpicos de Atenas

Durante os dezessete dias em que as competições da centésima segunda edição dos Jogos Olímpicos aconteceram em Atenas, toda a editoria de esportes da TV Globo foi reformulada para que essa conseguisse acompanhar as trezentas e uma modalidades disputadas, sempre tendo como prioridade absoluta o resultado dos brasileiros. O caminho inicial foi dividir os profissionais da editoria em três turnos de trabalho, assim, todos os horários do dia estariam cobertos por alguma equipe. Com um fuso horário de seis horas a frente do horário de Brasília, a capital grega começava o dia enquanto no Brasil ainda se dava

a madrugada, por isso essa redivisão das equipes foi de fundamental importância para a realização do trabalho.

Outra necessidade inicial foi substituir os vinte e dois profissionais que haviam ido para Atenas. Ao todo, quarenta profissionais da CCJ - Central Globo de Jornalismo - foram escolhidos para fazer parte de equipe deslocada para a Grécia, no entanto, apenas vinte e dois jornalistas desse grupo eram da editoria de esportes do Rio de Janeiro. Os outros profissionais pertenciam a outras áreas da emissora do Rio ou eram de outras cidades, como São Paulo, sede que mandou o segundo maior número de funcionários para Atenas.

Para que a falta desse grupo fosse compensada, dezesseis jornalistas foram trazidos para a divisão de esportes e completaram a equipe responsável pela cobertura das Olimpíadas realizada na cidade. Entre eles havia narradores, repórteres, produtores, editores de imagem e editores de texto vindos ou de outras sedes da TV Globo ou de outros setores da emissora do Rio de Janeiro. Aproximadamente duas semanas antes do início dos Jogos as novas equipes e funções foram definidas.

Para aqueles que entraram na nova escala de trabalho, um dos fatores mais importantes foi a troca de informações entre as equipes, uma vez que as funções de uma dependiam necessariamente do trabalho das outras. Esses profissionais foram divididos em três turnos de nove horas de trabalho. O primeiro ia das 5h às 14h e dele faziam parte quinze pessoas - seis editores de imagem, seis editores de texto, um editor-executivo e dois produtores - responsáveis pelos telejornais Bom Dia Brasil, Globo Esporte e Jornal Hoje. Esse grupo tinha como função, basicamente, editar as reportagens que viessem em material bruto de Atenas, revisar as que já viessem prontas, editar as matérias sobre esporte feitas no Brasil (sendo essas sobre Olimpíadas ou não) e produzir o que fosse necessário para as reportagens ou transmissões que seriam feitas na parte da tarde, deixando tudo pronto para a equipe do segundo turno. Havia ainda as transmissões de flashes ao vivo de Atenas, que eram coordenados por esta equipe caso acontecessem durante este horário.

Das 14h às 23h, onze profissionais cuidavam do turno da tarde e entre eles estavam cinco produtores, três editores de texto e três editores de imagem. Esse segundo grupo tinha como trabalho principal produzir as reportagens que seriam feitas ao vivo durante o programa da madrugada, entrar em contato com os comentaristas que participariam do programa naquele dia, deixar, também para o programa, matérias exibidas ao longo do dia e que poderiam ser

reaproveitadas, ajudar os editores dos telejornais da noite - Jornal Nacional e Jornal da Globo - na edição ou revisão de matérias sobre as Olimpíadas e realizar a transmissão das competições ou flashes olímpicos que entrassem no ar dentro deste turno. As transmissões podiam ser feitas diretamente da emissora do Rio de Janeiro, ou seja, com um narrador e comentaristas que estivessem nos estúdios da emissora, apenas utilizando as imagens de Atenas e um repórter no local da competição, ou feitas por lá, com narrador, comentaristas e repórteres no lugar das provas, sendo apenas coordenadas pela emissora do Rio, para que a transmissão pudesse ocorrer de acordo com a programação prevista pela TV.

O terceiro turno tinha início às 23h de um dia e fim às 8h do dia seguinte. O grupo que trabalhava nesse horário era formado por dezenove pessoas - cinco editores de texto, quatro editores de imagem, cinco produtores, um editor executivo, um coordenador de transmissão e um de programa e dois apresentadores - e a responsabilidade principal era colocar no ar o Programa Olímpico da madrugada. Assim, as funções básicas dessa equipe eram editar as reportagens que seriam exibidas, modificar aquelas que seriam reaproveitadas, coordenar a entrada dos comentaristas no estúdio de acordo com a ordem em que os esportes seriam abordados, ficar na escuta de todas as competições que aconteciam no horário para divulgar os resultados e coordenar as transmissões que aconteciam naquele momento.

Os três turnos foram coordenados pelos jornalistas Ricardo Pereira, editor-chefe do programa Esporte Espetacular, e Ricardo Porto, produtor-executivo de esportes. O primeiro trabalhava das 9h da manhã às 21h, o segundo, das 21h de um dia às 9h da manhã do dia seguinte e era o editor-chefe do Programa Olímpico da madrugada. Os dois eram os responsáveis por todas as reportagens, programas esportivos, transmissões olímpicas ou flashes que fossem exibidos, por isso, permaneciam na cabine de controle de transmissões durante as doze horas de trabalho.

A madrugada olímpica

A diferença de horário entre Brasil e Grécia - durante os Jogos a Grécia estava seis horas à frente do Brasil - criou a necessidade de uma adaptação da Rede Globo para que durante a madrugada no Brasil, manhã na Grécia e parte do dia em que o maior número de provas acontecia, a emissora pudesse transmitir as principais competições. Muito do que foi

utilizado pela Globo na madrugada olímpica de 2004 foi testado e aprendido durante os Jogos de 2000, ocorridos em Sydney, Austrália, quando praticamente toda a programação aconteceu para os brasileiros durante a madrugada e a manhã, pois a diferença de fuso horário era de treze horas.

A programação da madrugada nas Olimpíadas da Austrália marcou a primeira vez que a Rede Globo confiou um período inteiro de sua grade exclusivamente para uma cobertura olímpica. Nos Jogos anteriores as transmissões das competições eram apenas “encaixadas” dentro da programação. No intervalo entre um evento e outro voltava a ser exibida a programação normal, que só era interrompida novamente no momento de alguma outra prova importante. O sucesso do trabalho realizado em 2000 serviu como base para o de 2004, que foi planejado com bastante antecedência. Cerca de cinco meses antes do início dos Jogos, Roberto Almeida, diretor de programação, já havia cancelado os contratos com os anunciantes dos programas da madrugada, já que durante as Olimpíadas a programação regular da emissora exibida entre o Programa do Jô e o Globo Rural estaria suspensa em função da madrugada olímpica. As cotas de propaganda dessa faixa de horário foram, então, negociadas com os patrocinadores do evento, na sua maior parte.

Do dia 13 ao dia 29 de agosto de 2004 muitos funcionários Rede Globo mudaram completamente de rotina, trocando o dia pela noite e entrando no mesmo fuso horário de Atenas. Além das dezenove pessoas do jornalismo já apresentadas na explicação sobre o turno da noite, profissionais de outras áreas da emissora também foram realocados para a madrugada. Entre os setores envolvidos estavam o centro de documentação, que gravava e guardava todas as competições ocorridas no horário, a engenharia, que viabilizava todas as transmissões, a área de operações, que, como uma das funções principais, verificava o envio e recebimento de material entre Atenas e Rio de Janeiro, o departamento de arte, responsável pela estrutura do estúdio e pela inserção de caracteres em todas as reportagens exibidas, e a equipe de maquiagem, que arrumava os apresentadores, comentaristas e convidados para o programa. Além deles, ainda estavam envolvidos na madrugada olímpica vários profissionais de emissoras afiliadas de diferentes regiões do país, para repercutir resultados e fazer entrevistas ao vivo com familiares e amigos de atletas que estivessem competindo naquele horário.

O Programa Olímpico começava logo após o Programa do Jô (horário que variava entre 1h30 e 2h30 da manhã) e os apresentadores Luis Roberto e Mariana Becker faziam um retrospecto dos acontecimentos mais importantes do dia anterior, mostrando as matérias que haviam sido exibidas nos telejornais da emissora e comentando os resultados com os comentaristas de cada esporte. Em seguida, a programação do dia que estava começado em Atenas era apresentada ao público e os comentaristas dos esportes citados falavam sobre o que esperavam das provas e dos brasileiros envolvidos.

Depois dessa parte inicial, as competições começavam na Grécia e de acordo com critérios já determinados pela equipe de programação e pela divisão de esportes – que se resumiam em interesse por parte do público e facilidades de transmissão - eram exibidas. Quando a prova transmitida não contava com brasileiros ou quando as chances de um bom resultado desses não era muito grande, a equipe narrava e comentava dos estúdios do Rio de Janeiro. Apenas as provas mais importantes, com chances de medalha para o Brasil, eram transmitidas da Grécia, com equipe de lá, pois havia uma grande limitação por parte da equipe de Atenas em relação à quantidade de profissionais. As transmissões menores, feitas do Brasil, podiam acontecer em paralelo a alguma outra. Dois narradores ficavam em estúdio diferentes, cada um com um comentarista do esporte que iria narrar, mostrando apenas as partes mais importantes da prova. Essa foi uma forma de exibir para o público uma variedade maior de esportes, informando o telespectador sobre tudo o que acontecia e, muitas vezes, apresentando modalidades que os brasileiros não conheciam bem, como o mountain bike, por exemplo.

A coordenação era feita pelo produtor-executivo Ricardo Porto, editor-chefe do Programa Olímpico. Mas a responsabilidade por todas as atividades da cobertura olímpica feitas pela emissora do Rio de Janeiro (independente do horário em que eram exibidas) era do diretor de esportes de São Paulo, Marco Mora. Na ausência do diretor geral de esportes, Luis Fernando Lima, que estava em Atenas, tudo que foi produzido e exibido no Brasil sobre os Jogos estava submetido às ordens dele.

A EQUIPE DE ATENAS É DEFINIDA

Aproximadamente um mês antes do início dos Jogos Olímpicos, parte dos profissionais da divisão de esportes escolhidos para compor a equipe de jornalismo em Atenas começou a ir

para a capital grega. Essa antecedência se justifica, pois as reportagens produzidas na Grécia começaram a ser exibidas nos telejornais da emissora antes do início das competições, com o objetivo de ambientar os telespectadores com a cidade e mostrar os últimos acertos para as Olimpíadas.

Embora a maioria desses profissionais tenha ido para a Grécia já às vésperas dos Jogos, o comunicado interno da TV Globo com o nome dos que haviam sido escolhidos pela direção da empresa para compor essa equipe foi emitido cinco meses antes. Assim, todos tiveram tempo de se preparar para a viagem, tanto no que diz respeito às questões práticas - como a renovação de passaportes, por exemplo - como às questões de preparação profissional - como um estudo maior sobre a história de Atenas e sobre os principais atletas envolvidos nas competições.

Para que a decisão sobre a equipe que deveria ir a Atenas fosse tomada de forma justa, visando a melhor cobertura olímpica possível, diversas reuniões foram realizadas entre os diretores das áreas de esportes, de operações e de jornalismo, uma vez que a equipe não foi composta apenas por profissionais especializados em esportes e contou também com repórteres consagrados de diferentes editorias da emissora. O diretor de esportes, Luis Fernando Lima, o diretor de eventos da editoria de esportes, Emanuel Castro, o diretor de esportes de São Paulo, Marco Mora, o diretor de operações, Fernando Guimarães, e o diretor de jornalismo da TV Globo, Carlos Henrique Schoroder, foram os principais responsáveis pela definição dessa equipe, discutindo as habilidades que os jornalistas selecionados deveriam ter. Vale destacar que essa é uma das decisões mais sérias para a qualidade da cobertura que a emissora pretendia realizar e, por isso, foi tão pensada pelos diretores da empresa .

Entre os critérios para essa decisão, um dos mais considerados foi a experiência. Em coberturas com o grau de importância de uma Olimpíada, esse é um fator muito relevante, não apenas por buscar gratificar os jornalistas que fazem parte da história da emissora por terem mostrado o valor de seu trabalho em diversas situações, mas principalmente pelo fato de esses profissionais saberem lidar melhor com os desafios encontrados freqüentemente nesse tipo de evento. A experiência acarreta mudanças significativas no comportamento profissional, exatamente por essas pessoas já terem vivido as mais variadas dificuldades ao longo da carreira, tendo tido assim a chance de aprender com elas.

O editor executivo da área de eventos esportivos Marcelo França, que esteve em Atenas durante as Olimpíadas, define as competências exigidas aos profissionais selecionados para tal cobertura.

⁷ Exige-se destes profissionais conhecimento jornalístico e, do pessoal aqui do esporte, um bom conhecimento esportivo, no caso, olímpico. Como há profissionais que não são repórteres esportivos, deles exige-se o conhecimento jornalístico pura e simplesmente, e, de todos, um bom nível de relacionamento (informação verbal).

A partir da declaração é possível compreender a ligação das competências descritas com a experiência profissional. O maior tempo de carreira aprimora não apenas o conhecimento jornalístico como também o bom relacionamento com os companheiros de profissão. A capacidade de se trabalhar em equipe é muito importante para ser escolhido para um evento como os Jogos Olímpicos, porque o ritmo de trabalho e o estresse diário a que os profissionais são submetidos são enormes. Assim, se não existir colaboração de todos, sempre buscando compreender o ponto de vista do companheiro, as chances de desentendimentos aumentam bastante, o que poderia influenciar a qualidade do trabalho realizado.

Embora a experiência seja colocada entre os critérios mais importantes para se participar de uma grande cobertura, ela não é determinante. Não há uma regra estabelecida pela empresa de que apenas funcionários com determinado tempo de profissão possam participar de uma cobertura olímpica, mas é uma tendência evidenciada na maior parte das empresas de comunicação.

Depois de uma análise profunda sobre o perfil dos profissionais da emissora, foi, então, definido o grupo que seguiria para Atenas. Da Central Globo de Jornalismo, quarenta pessoas foram selecionadas (entre a emissora do Rio de Janeiro e as afiliadas em todo o Brasil). Dessas, vinte e duas eram da editoria de esportes do Rio de Janeiro. Entre os profissionais desse setor haviam três repórteres, três repórteres cinematográficos, dois narradores, um comentarista, duas produtoras, quatro editores executivos, três editores de imagem, a gerente de planejamento, Regina Tickles, e os diretores Emanuel Castro, Fernando Guimarães e Luis Fernando Lima.

⁷ As citações atribuídas ao editor executivo Marcelo França foram concedidas em uma entrevista feita especialmente para a realização deste trabalho, no mês de novembro de 2004.

Após a definição dessa equipe, teve início a etapa de preparação de todos os funcionários da emissora para a cobertura dos Jogos Olímpicos de Atenas. A organização da TV Globo buscou levar o máximo de informações possível aos envolvidos com os Jogos. Palestras sobre a cultura grega, sobre a Grécia Antiga com seus deuses e mitos, sobre o significado histórico desse evento – já que as Olimpíadas estavam finalmente retornando ao local onde tiveram sua origem na Era Moderna - , foram ministradas na empresa para que toda a equipe pudesse aprender um pouco sobre a região que receberia o maior acontecimento do esporte e enriquecer as reportagens produzidas ao longo da competição. Ainda nessa preparação foram apresentados os locais onde cada modalidade seria disputada e quais desses lugares tinham relação direta com a história olímpica, como a cidade de Olímpia, que recebeu os primeiros Jogos, ainda no período antes de Cristo, e em 2004 abrigou competições como o lançamento de peso.

Buscando facilitar a parte prática, apresentações explicando a parte operacional do trabalho também foram realizadas. Desde o esquema de transporte entre os hotéis em que a equipe ficaria hospedada e o centro de imprensa, onde a TV Globo montou a sua redação, ou os locais de competições, até as questões tecnológicas que permitiriam a troca de material entre Rio de Janeiro e Atenas foram explicadas aos profissionais envolvidos na cobertura, para que esses compreendessem o funcionamento de todas as etapas dos processos que seriam realizados. Além disso, houve conversas de avaliação de trabalho entre a os funcionários da divisão de esportes e o diretor Luis Fernando Lima, meses antes do início dos Jogos Olímpicos, para que os erros cometidos no dia-a-dia não fossem cometidos durante a cobertura olímpica.

O editor executivo da área de eventos Marcelo França é um dos profissionais mais antigos da editoria de esportes e trabalha diariamente com as transmissões dos eventos esportivos. Mesmo conhecendo bem esse trabalho, começou a se preparar especificamente para a cobertura das Olimpíadas com mais de um ano de antecedência. Ele acredita que esse envolvimento depende da motivação de cada um e conta como começou a se organizar para o trabalho que viria a desenvolver durante as Olimpíadas de Atenas:

A preparação depende do envolvimento individual. O bom profissional se prepara diariamente, embora não saiba com quatro anos de antecedência se vai a uma olimpíada. No

meu caso, comecei a me preparar mesmo a partir de março de 2003, ou seja, quase um ano e meio antes do início de Atenas 2004. Procurei e achei um centro cultural sobre Grécia e trouxe para a Globo a diretora deste centro. Além disso, na mesma época eu comecei a coletar material das agências de notícias sobre esportes olímpicos e sobre os preparativos dos gregos, entrava quase que diariamente no site oficial dos jogos e, claro, faltando seis meses, concentrei minha leitura em temas olímpicos sobre Grécia, Grécia Antiga e livros sobre regras dos esportes. E ainda tivemos, sim, apoio teórico com palestras sobre Grécia Antiga (informação verbal).

O trabalho na redação de Atenas

Aproximadamente vinte e um mil e quinhentos profissionais de todo o mundo estiveram em Atenas para trabalhar na cobertura das Olimpíadas de 2004. Entre essa imensidão de jornalistas estava a equipe da TV Globo, que, assim como todas as grandes emissoras de TV do mundo, havia montado uma redação para produção e edição de suas reportagens no IBC, International Broadcast Center, o centro de imprensa.

Como a programação da TV Globo foi completamente modificada em função dos Jogos Olímpicos, havendo aumento significativo de reportagens sobre o assunto e de transmissões de competições ao vivo, os profissionais envolvidos na cobertura tiveram que se reorganizar para a realização desse trabalho. A divisão de funções estabelecida na editoria de esportes do Rio de Janeiro, já apresentada neste estudo de caso, também aconteceu na equipe de Atenas e, assim como no Brasil, foi de fundamental importância para que todos os telejornais da emissora fossem abastecidos com as últimas notícias da capital grega.

Os jornalistas foram divididos em grupos de acordo com as atividades que exerceriam. Cada editor de texto, fosse ele editor-executivo ou editor-chefe, tinha um ou dois telejornais sob sua responsabilidade, tendo então que editar, colocar as informações das matérias no espelho do telejornal e fazer a comunicação com a equipe que estava no Brasil. Os editores de imagem também trabalhavam para um ou dois programas especificamente, editando apenas as reportagens que entrariam naqueles telejornais. Assim, havia uma divisão de turnos de trabalho de acordo com o horário de exibição dos telejornais no Brasil. Quem trabalhava para o Globo Esporte, por exemplo, deveria chegar à redação apenas na parte da tarde, pois o programa entrava no ar às 12h30, horário de Brasília, quando em Atenas já eram 18h30. Já as equipes responsáveis pelo Jornal Nacional deveriam chegar à redação apenas no meio da tarde

e ficar até a madrugada, porque o programa começava aqui no Brasil às 20h, ou seja, 2h da manhã na Grécia.

Enquanto os editores se dividiam por programas, os repórteres e cinegrafistas faziam essa divisão em função dos esportes. As duplas foram estabelecidas ainda no Brasil e ficaram juntas durante todos os dias de trabalho em Atenas, ou seja, cada repórter tinha o seu cinegrafista específico, cobrindo as modalidades esportivas que lhes foram designadas. Como esses profissionais tinham que produzir reportagens para todos os programas da emissora, esse foi o meio encontrado de não sobrecarregar demais nenhuma dupla. A definição desses profissionais foi feita de acordo com o perfil de cada dupla e com as afinidades delas com os esportes. Um exemplo disso foi o caso do jornalista Tino Marcos e do repórter cinematográfico Álvaro Santana, que fizeram a cobertura de todas as provas do iatismo. Como esse repórter é um dos que mais conhece o esporte, por já ter velejado amadoramente e por trabalhar na maioria das competições de vela, ele foi escolhido para tratar do esporte durante as Olimpíadas.

Na redação havia também o chefe de reportagem (papel assumido pelo editor-executivo Gustavo Poli) que determinava as matérias que seriam realizadas naquele dia e era o responsável por todas as informações nelas contidas, e os produtores, que tomavam as medidas necessárias para que as reportagens pudessem ser realizadas. Os diretores Luis Fernando Lima e Fernando Guimarães supervisionavam o trabalho das áreas pelas quais são responsáveis - a divisão de esportes, no caso do primeiro, e o setor de operações, no caso do segundo. Além desses profissionais, a redação de Atenas contava com um produtor deslocado para fazer o contato com as TVs estrangeiras, trocando informações e imagens a partir de acordos que beneficiassem a todos, com um profissional responsável pelo contato com os atletas nacionais e o Comitê Olímpico Brasileiro e com outro produtor que tinha cuidava da infra-estrutura, indispensável para o funcionamento da redação e o trabalho das equipes.

Embora o trabalho realizado se assemelhe em muitos aspectos com o do cotidiano de qualquer redação jornalística, há muitas dificuldades encontradas em uma cobertura olímpica que devem ser resolvidas da forma mais rápida e competente possível, para que não interfiram na qualidade do produto apresentado ao telespectador. Marcelo França, que ficou responsável

pelas reportagens do Jornal Hoje e do Esporte Espetacular durante os Jogos Olímpicos, lista os desafios mais comumente encontrados pelos jornalistas nesse tipo de cobertura:

A principal é buscar informações exclusivas para “dar um furo”. Mas posso listar várias outras, como driblar os obstáculos criados pelos organizadores e/ou comitês nacionais, do tipo: “não pode entrar aqui”, “não pode passar deste ponto” ou “não pode entrevistar o atleta americano”. Lidar com imprevistos, como caso da bomba no Parque Olímpico em Atlanta 96, contar com a sorte no que diz respeito ao aparato tecnológico, evitar o estresse dentro da equipe, combater a rotina e não deixar o cansaço atrapalhar o que o profissional tem de melhor (informação verbal).

Todas essas dificuldades foram enfrentadas em algum momento pela equipe da TV Globo durante as Olimpíadas de Atenas. No entanto, foram superadas sem que o telespectador percebesse qualquer problema nas informações recebidas em sua casa. Conseguindo vencer os desafios, esse profissionais produziram, em média, dezesseis reportagens por dia para os telejornais diários da emissora, além dos programas dominicais (Esporte Espetacular e Fantástico), que recebiam cerca de oito matérias de Atenas cada um, feitas ao longo da semana.

O significado de uma cobertura olímpica

Se o sonho de um jogador de futebol é defender a seleção brasileira numa Copa do Mundo, o sonho de qualquer profissional da área de esporte é “jogar” uma Copa ou uma Olimpíada. No meu caso, nada se compara a uma Olimpíada, pois é o que há de melhor no mundo em todos os esportes (informação verbal).

A declaração de Marcelo França resume bem o que significa para um jornalista esportivo fazer parte da equipe escolhida para cobrir uma Olimpíada no local em que ela acontece. A analogia com um atleta que passa a vida treinando para um dia defender seu país em uma competição de tamanha importância é perfeita para o caso do jornalista, que, assim como o jogador, tem como sonho maior participar do mesmo evento esportivo. Embora atuando em funções diferentes, para esses dois profissionais não há nada mais importante e

que supere o desejo de estar nos Jogos Olímpicos, uma vez que isso representa o reconhecimento por toda uma vida de sacrifícios e dedicação.

Nesse contexto, torna-se fácil compreender de onde o “profissional do esporte” busca forças para fazer o melhor trabalho possível, apesar de todas as dificuldades em que esbarra no caminho. Da mesma forma que, durante as Olimpíadas, os atletas não desistem de competir mesmo sentindo dor, superando até mesmo os limites do corpo, o jornalista passa um mês dormindo menos de cinco horas por dia, encarando os obstáculos para levar o maior número de informações ao público que quer saber o que está acontecendo com seus atletas.

Embora a dedicação para com o trabalho tenha que ser sempre a mesma, seja no dia-a-dia ou nos Jogos Olímpicos, as Olimpíadas envolvem responsabilidades que não são encontradas em qualquer outra ocasião. Ser escolhido para participar dessa cobertura é motivo de orgulho para qualquer um do meio do esporte e conseguir realiza-la com competência é atingir o máximo que uma vida profissional pode oferecer. Por isso é necessário conhecer as diferenças entre o trabalho do cotidiano e aquele feito em uma situação especial como essa. Reconhecer a importância de um evento como os Jogos Olímpicos não é desmerecer as circunstâncias do dia-a-dia, é apenas valorizar uma conquista profissional importante e compreender o seu significado. A compreensão dessas diferenças colabora para um desempenho de maior qualidade, como resume Marcelo França.

Cobrir um evento “comum” como um desafio internacional de futebol de salão, por exemplo, é um desafio por razões naturais. Afinal, você tem a obrigação de colocar no ar um bom produto, ou seja, boas informações, boas imagens e produzir boas reportagens para os telejornais. Agora imagine fazer isso com vinte e oito esportes! Sim, não transmitimos todos estes vinte e oito esportes, mas acompanhamos entre setenta e oitenta por cento deles e transmitimos cerca de quarenta por cento ao vivo – e me refiro apenas à Globo. O desgaste é muito maior, o custo é muito maior, a responsabilidade é muito maior (informação verbal).

O NÚCLEO OLÍMPICO

Um evento do tamanho e da importância dos Jogos Olímpicos merece tratamento especial de todos os envolvidos, sejam eles da imprensa, da organização ou espectadores. Pessoas das mais diferentes áreas e de todos os cantos do mundo agem de forma especial durante as Olimpíadas, mudando, de um jeito ou de outro, alguma parte de suas rotinas. Essa idéia é defendida em *A História em Directo - Os acontecimentos mediáticos na televisão*. O texto afirma ser essa preparação uma das principais características dos eventos que se classificam como acontecimentos mediáticos, já definidos neste trabalho. Segundo os autores, “o anúncio com antecedência dá tempo tanto aos que transmitem como à audiência para imaginarem e para se prepararem. Há um período ativo de expectativa, ajudado pela atividade promocional das estações de televisão” (1992. p. 22).

Esse conceito, embora não tenha sido determinado em função de algum estudo específico, foi seguido pela TV Globo e o grupo responsável por esse trabalho de divulgação formava o Núcleo Olímpico. Aos profissionais desse setor coube a tarefa de se dedicar exclusivamente à produção de material sobre os Jogos, “vendendo”, no sentido jornalístico, o tema Olimpíadas para todos os programas de jornalismo da emissora com o objetivo de chamar a atenção do público para o evento. A idéia principal era colocar a população no clima dos Jogos, para que todos entendessem seu valor, o significado das Olimpíadas para um atleta e de uma medalha para o Brasil e assim tentar garantir maior audiência durante a transmissão da competição.

Um Núcleo Olímpico já havia sido criado pela Globo na organização da cobertura dos Jogos de Sydney, em 2000, e tinha como maior preocupação o horário em que as competições seriam transmitidas, devido à diferença de fuso horário entre Brasil e Austrália, que era de treze horas. Como para o Brasil tudo aconteceria praticamente na madrugada, era necessário explicar aos telespectadores a importância desse evento, mostrando que ali estariam competindo os melhores atletas do mundo, e de tudo o que estaria em jogo, para assim tentar convencê-los a se manterem acordados, assistindo às competições. O diretor do Núcleo Olímpico das Olimpíadas de Atenas 2004, Gustavo Poli, destaca os objetivos básicos de sua equipe:

⁸ Eram dois objetivos básicos: preparar e promover a cobertura olímpica da emissora. Preparar produzindo vts para todos os telejornais, cativando a audiência, informando o público e também os profissionais. Promover usando uma linguagem quase comercial, sem deixar de fazer jornalismo, para estimular um vínculo emocional do público com o evento (informação verbal).

No momento em que foi criado, em setembro de 2003, esse novo, e temporário, setor da editoria de esportes tinha apenas três profissionais, que foram deslocados de suas funções para assumirem a responsabilidade de montar o Núcleo. O grupo era chefiado pelo editor-executivo Gustavo Poli, que organizava e aprovava todo o material produzido, e contava também com o produtor e editor Ricardo Bereicoa e com a editora de imagens Gisele Freitas. No início de 2004 houve aumento significativo na demanda de trabalho do grupo devido à aproximação dos Jogos e por isso mais três profissionais foram convidados a se juntar à equipe. Eram eles a produtora e editora Paula Tibiriçá, e os produtores e também editores de imagem Mário Napão e Marcelo Gabrielli.

É interessante notar que as funções desempenhadas por esses profissionais não se limitavam às realizadas em seus anteriores locais de trabalho na editoria de esportes. Como o grupo tinha poucos funcionários, todos acabavam tendo que fazer um pouco de tudo e por isso, no momento em que foi criado, foram selecionadas pessoas que soubessem atuar em mais de um setor, como por exemplo, os editores de imagem e também produtores ou os produtores que também trabalhavam como editores de texto.

Esses seis profissionais produziam, então, diversos tipos de materiais jornalísticos que deveriam cumprir os objetivos pré-estabelecidos. Os perfis olímpicos eram alguns dos mais comuns e mostravam histórias da vida dos atletas. A idéia era que o público criasse um vínculo afetivo com eles a partir de uma identificação que viria quando fosse entendido que eles, apesar de ídolos nacionais, também são pessoas comuns, com histórias parecidas com a de muitos telespectadores.

Outro material comum eram as entrevistas com os atletas, quando esses falavam sobre suas chances de medalhas ou contavam histórias de Olimpíadas passadas. Havia ainda os clipes que buscavam mostrar o espírito olímpico e o que há de especial nesse evento,

⁸ As citações atribuídas ao editor-executivo Gustavo Poli foram concedidas em entrevista feita especialmente para a realização deste trabalho, no mês de novembro de 2004.

reportagens didáticas, que ensinavam e aproximavam os esportes menos conhecidos do público, matérias bem humoradas mostrando o quanto é difícil se tornar um atleta olímpico e outras que apresentavam os favoritos em determinados esportes, como o quadro que recebeu o nome “De Olho Nele”.

Para que toda essa produção conseguisse espaço para ser exibida, um integrante do Núcleo sempre participava das reuniões de pauta dos telejornais, para oferecer alguma matéria que fosse interessante ou que tivesse o perfil do programa. Muitas vezes, depois de ficar claro para todos da emissora o que era exatamente o trabalho desse grupo, os telejornais solicitavam ao setor reportagens especiais. Assim, essas matérias passavam diariamente na programação da Rede Globo, ou dentro dos programas jornalísticos ou até mesmo nos intervalos comerciais. Nesse caso, preferencialmente, entre blocos de programas que, de alguma forma, estivessem falando sobre os Jogos Olímpicos.

Outro desafio para o Núcleo Olímpico era decidir quais atletas seriam citados ou retratados no material produzido. Falar de todos os dez mil e quinhentos participantes dos Jogos seria impossível, logo, um critério foi criado para definir essa escolha. De maneira informal, o que ficou decidido foi que os atletas brasileiros teriam prioridade e depois viriam aqueles que tivessem boas chances de conquistar medalhas. Nas reuniões de pauta todos tinham espaço para sugerir nomes com base no que consideravam relevante. Uma fonte muito usada foi a pesquisa feita nas principais fontes de informação das Olimpíadas de Atenas, como a página oficial da internet da organização do evento.

Embora nessas constantes discussões muitas idéias de reportagens interessantes surgissem, havia um limitador: a falta de infra-estrutura da divisão de esportes, o que acabava por diminuir as possibilidades de trabalho. A quantidade de equipamentos utilizados pela editoria não aumentou com a criação do Núcleo. Assim, além de suprir toda a produção feita regularmente no Rio de Janeiro, o mesmo número de câmeras (e todos os outros materiais que completam o equipamento, como microfones, por exemplo) ainda tinha que atender à produção desse novo setor. Nesse contexto, algumas sugestões não tinham como ser colocadas em prática, apesar do desejo de seus idealizadores. Gustavo Poli resume a forma como era feita, então, a escolha dos atletas que seriam citados no material produzido por sua equipe.

Isso era feito de acordo com nossas possibilidades e conhecimento. A idéia era apresentar quem teria chance de fazer algo diferente nos Jogos.⁹ Michael Phelps, por exemplo, não poderia deixar de ser mencionado. Mas, claro, temos limitações. Não conseguimos fazer um perfil do Vanderlei Cordeiro de Lima porque, quando pudemos ir a Curitiba, ele já estava treinando na Colômbia (informação verbal).

Diferentemente do trabalho que havia sido feito pelo Núcleo Olímpico das Olimpíadas de Sydney, em 2000, dessa vez houve a preocupação de não se limitar a apresentar os atletas brasileiros, deixando de lado os estrangeiros, na maioria das vezes os favoritos em diversas modalidades. Embora existisse o desejo de valorizar os atletas brasileiros, para estimular o telespectador a torcer por eles e assim assistir à transmissão dos Jogos pela TV Globo, isso era feito como parte de um objetivo maior, o de valorizar as Olimpíadas como um todo e, assim, os atletas de uma forma mais ampla. Essa mudança foi feita com base em observações do trabalho anterior, que acabou por supervalorizar o Brasil e suas reais chances de medalha, criando uma falsa expectativa no público. Essa postura não diz respeito à realidade do nosso país, que está longe de ser uma potência olímpica, e, mesmo que fosse mais desenvolvido nesse aspecto, provavelmente ainda estaria longe de países como os Estados Unidos ou a China, que sempre ocupam os primeiros lugares no quadro dos maiores conquistadores de medalha.

Além das diversas funções já explicadas, o Núcleo Olímpico acabou funcionando também como grupo de apoio em todas as reportagens que tinham os Jogos Olímpicos como tema. Quaisquer dúvidas sobre o assunto eram levadas aos integrantes do Núcleo, que, na grande maioria das vezes, sabiam a resposta, uma vez que estavam em contato direto com as informações olímpicas. E se, por um acaso, eles não soubessem como ajudar imediatamente, rapidamente consultavam alguma de suas fontes e encontravam uma resposta muito mais elaborada do que a solicitada. Dessa forma, o Núcleo Olímpico também acabou atuando na preparação da equipe da emissora envolvida na cobertura dos Jogos da Grécia. Mas para o diretor Gustavo Poli, essa parte do trabalho não foi satisfatória. Ele admite que sua equipe deveria ter feito muito mais, “estivemos longe do que eu gostaria pela falta de tempo” (2004, informação verbal). Apesar de todas as dificuldades, o espírito de colaboração entre toda a

⁹ Nadador americano favorito em diversas provas da natação e que conquistou oito medalhas nos Jogos Olímpicos de Atenas, sendo seis de ouro e duas de bronze.

equipe da divisão de esporte foi fundamental para o bom desenvolvimento do trabalho da emissora durante esse grande evento.

Pelo conhecimento olímpico adquirido durante o período de coordenação do Núcleo, Gustavo Poli se tornou um dos profissionais da TV Globo que mais conhecia a história dos Jogos e a realidade daquela centésima segunda edição. Por isso foi escolhido como chefe de reportagem da redação de Atenas durante as Olimpíadas. Além de revisar o conteúdo de praticamente todas as reportagens produzidas na Grécia, ele ainda trabalhava nas transmissões de competições que aconteciam ao vivo e eram coordenadas pela equipe de lá.

Nos onze meses em que a equipe do Núcleo Olímpico trabalhou no que podemos chamar de pré-produção dos Jogos Olímpicos de Atenas, um envolvimento com o evento acabou sendo criado por parte dos profissionais desse setor. Depois de trabalhar quase um ano divulgando as Olimpíadas e tentando convencer o público de que valia a pena assistir às competições, era do desejo de todos que o evento fosse muito bem sucedido e o desempenho dos atletas brasileiros o melhor possível. Assim, os telespectadores ficariam atentos ao que estava acontecendo na Grécia, e isso ajudaria a conquistar o objetivo almejado por eles. Por isso, além de lidarem com a emoção intrínseca a essa situação, esses profissionais ainda tinham mais esse fator que aumentava a tensão do momento em que os atletas brasileiros estavam competindo.

Nesse contexto, controlar a angústia e distanciar a emoção durante o momento de trabalho, em que o jornalista deve privilegiar o lado profissional, foi um dos maiores desafios dessa equipe. Mas, como destaca Gustavo Poli, é preciso aprender a controlar esses sentimentos na busca de realizar um trabalho de qualidade, para que eles não interfiram na transmissão da informação, preocupação maior do jornalista. Para Poli, o segredo é aprender a dosar e a extravasar essas sensações na hora certa.

É natural que haja essa aproximação, uma vez que o consumidor da notícia se torna mais “torcedor” nesses casos. Mas é fundamental não perder o distanciamento, não se tornar um torcedor de caneta ou microfone. Por mais que os textos mudem, e até torçam um pouco, eles não podem fugir do senso comum, não podem driblar a verdade, nem exagerar a favor ou contra. Você pode até torcer. Eu saí chutando cadeiras quando o vôlei feminino conseguiu perder ¹⁰aquele jogo pra Rússia. Mas isso depois que terminou a transmissão. Acho que você pode usar a emoção a seu favor, nunca contra (informação verbal).

¹⁰ Semifinal do vôlei feminino, a seleção brasileira jogava contra a Rússia. No quarto set o Brasil venceu por vinte e quatro a dezoito (dois a um em sets) e precisava apenas de mais um ponto para vencer o jogo e garantir um

O ESPORTE NA PROGRAMAÇÃO OLÍMPICA DA EMISSORA

Como foi mostrado nos capítulos anteriores deste trabalho, um acontecimento como os Jogos Olímpicos mexe com toda a estrutura de uma emissora de televisão que pretende fazer uma cobertura de qualidade do evento, e dispõe de estrutura para isso. E assim a TV Globo trabalhou durante o período olímpico, com uma equipe em Atenas e com diversas mudanças e adaptações na que no Brasil permaneceu.

A prova mais evidente do trabalho feito pela emissora está no aumento do tempo de programação dedicado ao esporte durante os Jogos da Grécia. A produção esportiva do canal é de 558 minutos por semana – tendo como base a programação regular da emissora -, como já mostrado no capítulo II. De todo o material produzido pela equipe de jornalismo da Rede Globo (que representa em média 25% da programação do canal), o assunto esporte diz respeito a cerca de 28%. Se tomarmos como parâmetro toda a programação de uma semana da emissora, aproximadamente 8.081 minutos, esses 558 minutos representam apenas 6,9%. Nos dezessete dias que duraram as Olimpíadas de Atenas, esse número cresceu de forma significativa.

Na primeira semana dos Jogos (de 13 a 19 de agosto de 2004, incluindo os dois dias), a emissora dedicou 3.394 minutos de sua programação aos Jogos Olímpicos, 1.396 minutos a mais do que os 1.998 voltados para todo o telejornalismo em uma semana normal de trabalho. De 6,9%, o tempo dedicado ao esporte pulou para 42% de toda a grade semanal. Na segunda semana olímpica, o aumento foi ainda maior. Cerca de 4.231 minutos foram reservados ao esporte, 3.673 minutos a mais do que os 558 da grade regular. De 6,9%, o tempo dedicado ao esporte em uma semana de programação pulou para 53,35%.

O enorme aumento desses números está ligado principalmente ao horário da madrugada, que normalmente apresenta filmes e foi todo dedicado às Olimpíadas nesse período. A transmissão dos jogos das seleções brasileiras de vôlei (feminina e masculina), tanto de quadra quanto de praia, de basquete feminino e de futebol feminino também foram importantes para a mudança temporária dos números apresentados acima.

lugar na final. Mas as russas viraram e fecharam o quarto set em vinte e oito a vinte e seis. No quinto set, de desempate, a seleção da Rússia venceu por dezesseis a quatorze e ganhou a partida em uma virada histórica.

Embora a avaliação da cobertura das Olimpíadas de Atenas feita pela TV Globo tenha apontado reclamações em relação ao tempo dedicado às competições do evento, considerado pouco por alguns, os números deixam claro o quanto a programação foi modificada. Mesmo com todas as dificuldades apresentadas pelo Diretor de programação da emissora, Roberto Almeida, colocadas anteriormente no capítulo II, a Rede Globo fez as adaptações que pôde em seus programas para conseguir transmitir o maior número de provas possível.

Além das modificações na grade de programação, os telejornais da emissora também tiveram que se adaptar para noticiar tudo o que acontecia em Atenas, sem deixar de levar aos telespectadores as notícias que não eram ligadas ao evento. O principal telejornal da Rede Globo, o Jornal Nacional, não escapou desse processo.

O principal telejornal da TV Globo se adapta aos Jogos Olímpicos

De todos os programas feitos pela Central Globo de Jornalismo (CGJ), o Jornal Nacional pode ser considerado o principal. Com média de produção de 30 minutos diários e apresentado de segunda a sábado, o telejornal vai ao ar no horário nobre da emissora, antecedendo a novela das 21h e conta com um das maiores audiências da TV Globo. Além disso, tem uma enorme credibilidade como os telespectadores, pois é para grande parte da população o principal meio de informação. A junção da grande audiência com essa credibilidade faz de seu intervalo comercial o mais caro da TV brasileira. Sendo, então, tão importante para a Rede Globo, tudo o que é produzido pelo jornalismo tem prioridade no Jornal Nacional. As reportagens são inicialmente oferecidas ao telejornal, pois, para qualquer profissional da CGJ, ter o seu trabalho veiculado no JN é um significativo reconhecimento.

Por ser o principal telejornal da Rede Globo, a cobertura dos Jogos Olímpicos foi pensada por sua equipe com bastante antecedência, uma vez que durante esse período o programa teria um perfil diferente. O assunto principal a ser tratado seria as Olimpíadas, o que já seria uma grande mudança, pois, normalmente, o esporte não é o tema central ou o que utiliza mais tempo desse jornal.

O edito-chefe e apresentador do Jornal Nacional, William Bonner, resume a forma que esse trabalho foi feito, visando exibir as principais notícias de Atenas sem deixar de informar os assuntos não ligados aos Jogos que tivessem relevância.

¹¹Quando há um evento dessa grandeza, o JN se prepara com muita antecedência em reuniões entre mim e os colegas que comandarão a cobertura. Basicamente, o que acontece é que o jornal se concentra em apenas uma das "pernas" que o sustentam: a perna factual. Cobrimos os assuntos mais importantes daquele dia. E abrimos mão da "perna" de atualidades: fatos que têm acontecido, não apenas naquele dia - e que poderão ser abordados futuramente quando dispusermos de mais tempo (informação verbal).

Devido às questões de tempo, era necessário decidir quais reportagens não olímpicas teriam que ser exibidas necessariamente naquele dia e quais poderiam "cair". Para Bonner, o critério utilizado era simples. "Entravam obrigatoriamente as factuais de maior relevância nacional e internacional. As demais ficavam de fora. Ou porque não fossem factuais, ou porque tivessem abrangência apenas regional" (2004, informação verbal).

A ordem em que as reportagens eram colocadas no ar foi outra questão pensada pela equipe do Jornal Nacional. Normalmente, as matérias sobre esporte são exibidas no último bloco, fechando o programa. Essa disposição não é uma regra da emissora, mas geralmente, quando não há nenhum fato de extrema importância que mereça encerrar um telejornal, é seguida por todos os programas jornalísticos. A intenção de finalizar com notícias mais amenas, para que o telespectador não acabe de assistir ao jornal se sentindo mal ou preocupado com reportagens densas e sérias, coloca o tema esporte nessa posição.

No entanto, durante as Olimpíadas quase todo o tempo do Jornal Nacional foi dedicado ao esporte, assim essa ordem teve que ser repensada. As notícias mais importantes do dia, que normalmente abrem o jornal, eram basicamente sobre esporte, assim como as que o encerravam. Para que todas as reportagens, tanto as que falassem de esporte e dos Jogos como as que não tratassem do assunto, fossem dispostas no espelho do JN de acordo com o grau de importância de cada uma - critério estabelecido pela equipe do jornal - , William Bonner definiu o seguinte o seguinte esquema:

Se nenhum assunto extra-olímpico se impusesse no cardápio do dia como o fato mais relevante, abríamos com Jogos Olímpicos e dedicávamos a Atenas a maior parte do jornal. Caso contrário, a abertura do JN se dava com algum tema importante, mesmo que nada tivesse a ver com Olimpíadas (informação verbal).

¹¹ As citações atribuídas ao apresentador e editor-chefe do Jornal Nacional, William Bonner, foram concedidas em entrevista feita especialmente para este trabalho, no mês de novembro de 2004.

Além de todas essas adaptações, os responsáveis pelo Jornal Nacional tiveram que se preocupar com outra questão: o conhecimento de seus profissionais sobre esporte, já que esse seria o tema mais tratado no período olímpico. Em sua estrutura regular, a equipe conta com uma dupla de editores (um de imagem e um de texto) que cuida especificamente das matérias esportivas. No entanto, como a quantidade de reportagens sobre o assunto seria enorme durante os dias das Olimpíadas, não era possível deixar todo esse material apenas com os dois.

Assim como todos os jornalistas da emissora, os integrantes da equipe do Jornal Nacional tiveram a oportunidade de assistir a palestras ministradas por profissionais de várias áreas, organizadas pela TV Globo com o objetivo de preparar seus funcionários para a cobertura olímpica. A história da Grécia e sua relação com as Olimpíadas e o significado de um evento desse porte para os atletas que lá estiveram representando seus países foram alguns dos temas tratados nas palestras. Mesmo com esse trabalho anterior, William Bonner entendeu que seria necessário contar com outros profissionais especializados em esporte colaborando com o telejornal. Assim, mais uma dupla de editores foi deslocada temporariamente da divisão de esportes para trabalhar especificamente no Jornal Nacional.

Foi necessário também redistribuir as funções dos profissionais do jornal para atender as necessidades que surgiram. Quatro editores da equipe regular foram colocados de sobreaviso como os que seriam usados na cobertura olímpica caso fosse preciso ajuda de editores de outras especialidades. A editora-executiva e apresentadora Fátima Bernardes ficou com a responsabilidade de decidir o tempo e o conteúdo das reportagens oferecidas pela editoria de esportes, para que Bonner pudesse dar atenção aos temas nacionais e internacionais não olímpicos.

Muitas matérias enviadas pela equipe de Atenas para o Jornal Nacional não tratavam apenas das competições, mas abordavam também atualidades, comportamento, a história do país dos Jogos, que, segundo Bonner “é uma sede riquíssima para temas jornalísticos” (2004, informação verbal). Os responsáveis por essas matérias eram os editores do JN e não os especializados em esportes, deslocados temporariamente.

Mesmo não tendo mandado nenhum integrante da equipe para Atenas, os responsáveis pelo Jornal Nacional não precisaram solicitar qualquer tipo de reportagem aos profissionais que estavam na Grécia. Na opinião do editor-chefe do telejornal, todo o material recebido tinha o perfil ideal do JN e por isso essas solicitações não foram necessárias. Para William

Bonner, isso aconteceu, pois a pessoa escolhida para coordenar os trabalhos enviados para o Jornal Nacional já havia feito parte dessa equipe anteriormente.

Quem coordenava os trabalhos para nós era o atual editor-chefe do Jornal da Globo, Mariano Boni, que trabalhou durante cerca de três anos como coordenador de edição do JN em São Paulo. Era meu braço direito em SP - e, portanto, conhece perfeitamente os tipos de reportagem que se encaixam com naturalidade no Jornal Nacional (informação verbal).

A idéia de colocar uma pessoa que já havia feito parte da equipe do Jornal Nacional para organizar as reportagens enviadas por Atenas para o telejornal facilitou muito o trabalho da equipe do Rio de Janeiro e foi apenas um dos pontos positivos da cobertura olímpica feita pela TV Globo, na opinião de William Bonner.

Por ser hoje um dos principais nomes da emissora e comandar seu telejornal mais importante, a opinião de Bonner a respeito da cobertura olímpica feita pelo Jornal Nacional, e pela TV Globo como um todo, pode ser considerada bastante importante. Além de ser jornalista reconhecido, ele já trabalhou em outras Olimpíadas pela Globo. Portanto, compreende o que é necessário para se fazer um trabalho jornalístico de qualidade em um evento como os Jogos Olímpicos e sabe o que já foi feito em outras edições pela emissora. Para ele, a cobertura dos Jogos de Atenas está entre as melhores já oferecidas ao telespectador.

Minha opinião (e não falo pela Direção da CGJ) é de que Atenas se igualou a Sidney na qualidade do material exibido pelo JN. E eu as considero as melhores e mais abrangentes coberturas de Jogos Olímpicos da história do JN (informação verbal).

CONCLUSÃO

A televisão aberta, e os acontecimentos mediáticos (como, por exemplo, festividades) proporcionam um sentimento de ocasião nacional e, por vezes, internacional (DAYAN E KATZ, 1992, p. 12).

A afirmação acima, retirada do livro *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*, muito utilizado neste trabalho, resume o objetivo de uma emissora de televisão ao transmitir um evento da importância dos Jogos Olímpicos – classificado como acontecimento mediático pelos autores Daniel Dayan e Elihu Katz. Fazer com que o público pare no momento em que a competição está acontecendo somente para assisti-la em frente ao aparelho de TV. Para isso toda a equipe de jornalismo da Rede Globo trabalhou antes e durante as Olimpíadas de Atenas em 2004.

Diversos obstáculos foram apresentados no decorrer do estudo, o que mostra a enorme dificuldade apresentada por uma cobertura olímpica. Uma conclusão, então, fica evidente; fazer esse trabalho na principal emissora do país, a TV Globo, é um desafio muito maior do que fazer o mesmo em qualquer outro veículo de comunicação do Brasil.

O primeiro desafio foi encontrar um meio de garantir na cobertura dos Jogos o padrão de qualidade estabelecido pela empresa e reconhecido pelos telespectadores, uma vez que não seria possível contar na Grécia (por motivos financeiros, evidentemente) com toda a equipe da Central Globo de Jornalismo. A qualidade do material exibido pela Rede Globo é o fator que a coloca como a principal emissora do Brasil e por isso é tão importante para a empresa. A solução encontrada foi selecionar os melhores e mais experientes profissionais para irem a Atenas.

Por ser o maior meio de comunicação do país, outra enorme dificuldade para transmitir as Olimpíadas são os acordos comerciais da emissora. Como foi explicado no estudo, a TV Globo detém 80% de todos os anunciantes da televisão brasileira. Por isso, não podia simplesmente cancelar um programa para mostrar um jogo de basquete, por exemplo, e deixar de exibir os anúncios já vendidos para aquele horário. Nenhum outro canal de televisão aberta no Brasil tem tantos acordos comerciais como a Globo, já que todas as outras emissoras

dividem os 20% restantes do mercado da televisão. Assim, compreende-se porque modificar a programação de uma emissora menor é muito mais fácil do que fazer isso na Rede Globo.

Mostrar como esse obstáculo teria que ser vencido, foi uma das propostas colocadas na introdução deste trabalho e tratadas em seu desenvolvimento, especialmente nos capítulos II e VI. Ainda na introdução, foi proposto mostrar o que uma cobertura olímpica representa para a TV Globo e esse assunto foi explorado no decorrer do trabalho. Apresentando todo o investimento feito pela emissora - seja na preparação de seus profissionais, nas modificações feitas no horário de trabalho dos funcionários envolvidos na cobertura ou na criação do núcleo olímpico -, ficou claro o significado dos Jogos Olímpicos para a empresa.

A questão do envolvimento emocional do jornalista esportivo com a competição também foi abordada na introdução e bastante discutida ao longo do estudo de caso. As entrevistas com repórteres e editores que trabalharam na cobertura olímpica tiveram como objetivo principal mostrar a opinião desses com relação à questão e explicar as críticas feitas por companheiros de profissão de outros veículos sobre o “comportamento de torcedor” dos jornalistas da TV Globo nas Olimpíadas de Atenas.

Analisar o trabalho feito por uma empresa do tamanho da Rede Globo na cobertura de um evento como os Jogos Olímpicos é tarefa bastante complicada. Seria impossível relatar exatamente tudo o que foi feito em todos os setores envolvidos. Por isso, algumas propostas foram colocadas na introdução deste estudo de caso, para orientar o caminho escolhido e evitar que o trabalho se perdesse na tentativa de mostrar tudo, o que acabaria levando a não mostrar nada profundamente.

Nesse contexto, ficam algumas possibilidades para trabalhos futuros que tenham como tema o mesmo assunto; a cobertura de uma grande emissora de TV em um grande evento esportivo. Tratar das questões técnicas, como o uso dos satélites na escolha dos sinais que transmitem as competições, pode ser uma proposta para os estudantes do curso de Rádio e TV.

Para os alunos da habilitação jornalismo, uma opção é analisar profundamente a estrutura de apenas um telejornal, para compreender como ele se modifica em função do evento esportivo. Estudar o funcionamento regular do Jornal Nacional, por exemplo, e depois fazer o mesmo durante o período olímpico ou de uma Copa do Mundo de futebol, para que se compreenda exatamente como é feito o trabalho da equipe em acontecimentos como esses.

Depois de mais de seis meses de estudo, entre observação do trabalho dos profissionais envolvidos com os Jogos Olímpicos de 2004, realização de entrevistas e leitura da bibliografia escolhida, fica a conclusão de que a equipe de jornalismo da Rede Globo fez uma cobertura olímpica de altíssima qualidade. Apesar de todas as dificuldades encontradas - e ampliadas pelo fato de se tratar da maior empresa de TV do Brasil - , a emissora conseguiu enfrenta-las exatamente por isso, por contar com os melhores profissionais do meio, capazes de encontrar soluções para todos os desafios. Assim, o público brasileiro teve na TV Globo uma cobertura olímpica com muita informação e emoção na medida certa.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Bia. Esporte na TV faz aflorar nacionalismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 ago. 2004. Folha Ilustrada, p. 3.
- ALMEIDA, Roberto. *A programação da TV Globo*. Rio de Janeiro, 10 de novembro de 2004. Entrevista concedida nos escritórios da Rede Globo.
- ARAÚJO, Rodrigo. *Jornalismo esportivo: uma especialização*. Rio de Janeiro: UERJ, 1990. 64 p. Tese – Programa de Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1990.
- BONNER, William. *O Jornal Nacional nas Olimpíadas de Atenas*. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2004. Entrevista concedida na redação do Jornal Nacional na Rede Globo.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRASILEIRO, Comitê Olímpico. *Memória olímpica: a origem dos Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em <<http://www.cob.org.br/>> acesso em : 15 dez. 2004.
- DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. *A História em Directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*. 1. ed. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1992.
- DIEGUEZ, Gilda Korff (Org.). *Esporte e poder*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FARIA, Eric. *O jornalista esportivo na cobertura olímpica*. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2004. Entrevista concedida na divisão de esportes da Rede Globo.

- FRANÇA, Marcelo. *O trabalho da equipe de Atenas*. Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2004. Entrevista concedida na divisão de esportes da Rede Globo.
- ISKANDAR, Jamil Ibrahim. *Normas da ABNT: comentadas para trabalhos científicos*. 2. ed. Curitiba: Juruá, 2004.
- MARCOS, Tino. *O jornalista esportivo na cobertura olímpica*. Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2004. Entrevista concedida na divisão de esportes da Rede Globo
- NOBLAT, Ricardo. *O que é ser jornalista.: memórias profissionais de Ricardo Noblat*. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- POLI, Gustavo. *O Núcleo Olímpico*. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2004. Entrevista concedida na divisão de esportes da Rede Globo.
- PRADO, Rosane. O poder da televisão. In: _____. *Televisão, poderosa mas nem tanto: cidade pequena, mulher e televisão*. São Paulo, 1987. p. 179–225.
- REIS, Camille Cristina Pinho dos. *A maior cobertura do século: A Rede Globo nas Olimpíadas de Sydney*. Florianópolis: UFSC, 2000, 75p. Tese – Programa de Graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, 2000.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. 11. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SETTI, Ricardo A. *Olimpíadas 2004: O infotainment subiu ao pódio*. Rio de Janeiro, 2004. Disponível em <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/>> Acesso em 15 dez. 2004.
- SODRÉ, Muniz. *O monopólio da fala: função e linguagem da televisão no Brasil*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

